

# TRADIÇÃO EM TRANSFORMAÇÃO: A TRADIÇÃO POLÍCROMA DA AMAZÔNIA NO MÉDIO SOLIMÕES (AM) ATRAVÉS DOS SÍTIOS SÃO JOÃO, PONTA DA CASTANHA E TAUARY

**Rafael de Almeida Lopes**  

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo | São Paulo - SP - Brasil  
Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá | Tefé - Amazonas - Brasil

**Eduardo Kazuo Tamanaha**  

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá | Tefé - Amazonas - Brasil

**Luiza Vieira Gama**  

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá | Tefé - Amazonas - Brasil

**Marjorie do Nascimento Lima**  

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá | Tefé - Amazonas - Brasil

**Jaqueline da Silva Belletti**  

ARQUEOLOGIKA - Consultoria em Arqueologia e Negócios Socioculturais | Jundiá - São Paulo - Brasil

**Erêndira Oliveira**  

Museu Paraense Emílio Goeldi | Belém - Pará - Brasil

**Anne Rapp Py-Daniel**  

Universidade Federal do Oeste do Pará | Santarém - Pará - Brasil

**Karen Marinho**  

Universidade Federal do Oeste do Pará | Santarém - Pará - Brasil

**Mariana Franco Cassino**  

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia | Manaus - Amazonas - Brasil  
Universitat Pompeu Fabra | Barcelona - Espanha

**Emanuella da Costa Oliveira**  

Universidade Federal de Sergipe | São Cristovam - Sergipe - Brasil  
Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá | Tefé - Amazonas - Brasil

**Myrtle Shock**  

Universidade Federal do Oeste do Pará | Santarém - Pará - Brasil

**Jennifer Watling**  

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo | São Paulo - SP - Brasil

**Anderson Márcio Amaral Lima**  

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá | Tefé - Amazonas - Brasil

**Fernando Ozorio de Almeida**  

Universidade Estadual do Rio de Janeiro | Rio de Janeiro - RJ - Brasil

**Eduardo Góes Neves**  

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo | São Paulo - SP - Brasil

submissão: 02/05/2024 | aprovação: 30/09/2024

## RESUMO

A dispersão de ocupações associadas às cerâmicas da Tradição Policroma da Amazônia (TPA), tema clássico da Arqueologia Amazônica, vem sendo repensada por meio de estudos regionais. Na bacia do Médio Solimões (AM), evidências de ocupações antigas e de misturas tecnológicas e estilísticas entre produções cerâmicas indicaram relações mais complexas entre produtores de cerâmica Policroma e ocupações coetâneas que parecem se transformar ao longo do tempo. A fim de contribuir para esse debate, abordamos o cenário do Médio Solimões por meio dos contextos de três sítios arqueológicos: São João, Ponta da Castanha e Tauary. Apresentam-se as intervenções arqueológicas que realizamos nos sítios e seus resultados em relação aos vestígios arqueobotânicos, líticos, de contextos funerários, e da produção cerâmica. Em relação a essa última, identificamos três períodos para a presença de ocupações da TPA com transformações na produção cerâmica. Propomos, então, uma periodização e interpretação da história das ocupações Policromas no Médio Solimões, buscando relacionar esse processo com outros contemporâneos ao redor da Amazônia e apontar direções para futuros trabalhos.

**Palavras-chave:** Arqueologia Amazônica, Médio Solimões, Tradição Policroma da Amazônia, Análise cerâmica.

**TRADITION IN TRANSFORMATION:  
THE POLYCHROME TRADITION OF THE  
AMAZON IN THE MIDDLE SOLIMÕES (AM)  
THROUGH THE SITES SÃO JOÃO, PONTA DA  
CASTANHA AND TAUARY**

## ABSTRACT

The dispersion of occupations associated with the ceramics of the Polychrome Tradition of Amazonia, a classic theme of Amazonian Archaeology, has been discussed based on regional studies. In the Middle Solimões basin (AM), evidence of ancient occupations and techno-stylistic flows between ceramic productions indicated more complex relationships between Polychrome ceramic producers and their contemporaries, which seem to change over time. In this article we approach this particular scenario through the archaeological contexts and their materialities, focusing on the ceramic ensembles of three archaeological sites in the region: São João, Ponta da Castanha and Tauary. We provide a summary of the regional research followed by an overview of the current debates. We then present the archaeological interventions and their results, as well as the Polychrome ceramic sets identified in the sites. We propose a periodization of Polychrome occupations in the Middle Solimões and seek to relate this process to other contemporary ones around the Amazon River and point out directions for future work.

**Keywords:** Amazonian Archaeology, Middle Solimões, Amazonian Polychrome Tradition, Ceramic analysis.

**TRADICIÓN EN TRANSFORMACIÓN: LA  
TRADICIÓN POLÍCROMA DE LA AMAZONIA  
EN EL MEDIO SOLIMÕES (AM) A TRAVÉS  
DE LOS SITIOS SÃO JOÃO, PONTA DA  
CASTANHA Y TAUARY**

## RESUMEN

La dispersión de las ocupaciones asociadas a la cerámica de la Tradición Policromía de la Amazonía, tema clásico de la Arqueología Amazónica, ha sido repensada a partir de estudios regionales. En la cuenca del Medio Solimões (AM), las evidencias de ocupaciones antiguas y flujos tecnoestilísticos entre las producciones cerámicas indicaron relaciones más complejas entre los productores de cerámica Policroma y sus contemporáneos, que parecen cambiar con el tiempo. En este artículo abordamos este escenario particular a través de los contextos arqueológicos y sus materialidades, centrándonos en los conjuntos cerámicos de tres sitios arqueológicos de la región: São João, Ponta da Castanha y Tauary. Presentamos una historia de la investigación regional, seguida de un panorama general de los debates actuales. Luego, presentamos las intervenciones arqueológicas y sus resultados, así como los conjuntos cerámicos Policromos identificados en los sitios. Proponemos una periodización de las ocupaciones Policromas en el Medio Solimões y buscamos relacionar este proceso con la Expansión Policroma y señalar direcciones para trabajos futuros.

**Palavras-chave:** Arqueología Amazónica, Medio Solimões, Tradición Policroma de la Amazonía, Análisis cerámico

A continuidade na cultura material não é simplesmente o resultado da transmissão inconsciente de ideias de uma geração para outra, uma forma de conservadorismo nativo, ou uma propensão de fazer as coisas da mesma forma que a geração anterior, de acordo com a maneira que foram ensinadas. Pelo contrário, as decisões de imitar ou se desviar do estilo de outrem representam as escolhas de agentes em diferentes níveis de consciência (Bowser & Patton 2022: 203).

## 1. INTRODUÇÃO

Concebidos na tentativa de sistematizar respectivamente sequências de ocupações regionais e suas unidades inter-regionais, os conceitos de Fases e Tradições foram tornando-se fins em si mesmos, esvaziados da ideia de tradição enquanto um conjunto de conhecimentos que são passados de geração a geração e têm um caráter repetitivo e, ao mesmo tempo, dinâmico (Dias 2007). Os excessos de seus usos enquanto categoria estanque são de amplo conhecimento (Dias 2007, Schaan 2007), assim como os argumentos dos defensores de seus aspectos práticos (Neves 2022) que propõem, por outro lado, tratar Fases e Tradições como ferramentas da arqueologia para codificar os padrões recorrentes da produção cerâmica.

O avanço dessa perspectiva na Arqueologia Amazônica, da qual o presente trabalho é tributário, permitiu contextualizar essas classificações em uma história indígena de longa duração (cf. Kater & Lopes 2021, Lima 2010, Neves 2022). Também, abriu espaço para um aprofundamento na diversidade e dinâmica presente nessas unidades de análise, das transformações internas às continuidades. Tradições tornam-se,

dessa forma, estruturas de longa duração (Braudel 1992), eixos de continuidade que abrigam dinâmicas próprias de curta e média duração (Kater & Lopes 2021, Lima 2010).

Este artigo busca dar continuidade a esse esforço ao abordar a Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) e sua ocorrência no Médio Solimões, em três sítios arqueológicos: São João (SJ), Ponta da Castanha (PC) e Tauary. O artigo parte de uma breve descrição da Tradição Polícroma e sua ocorrência no Médio Solimões. Depois, passa a descrever os métodos e resultados das intervenções arqueológicas que realizamos nos três sítios entre 2014 e 2019, assim como das múltiplas análises conduzidas: análise arqueobotânica, lítica, de contextos funerários, e dos conjuntos cerâmicos encontrados. A discussão volta-se a uma síntese desses dados e sua relação com o contexto regional. Na conclusão, levamos o debate para as formas com as quais podemos compreender a TPA e sua dispersão.

## 2. A TRADIÇÃO POLÍCROMA DA AMAZÔNIA

A Tradição Polícroma representa um fenômeno de grande amplitude geográfica e temporal que envolve as bacias dos rios de grande e médio porte da Amazônia Central e Ocidental durante o milênio que antecedeu a invasão europeia. Os sítios arqueológicos vinculados a esse conjunto possuem grande variabilidade (cf. Almeida et al. 2018, Belletti 2016). Além dos sítios habitacionais, encontram-se também sítios cemiteriais. Nestes contextos, ao contrário dos sítios de habitação, é frequente que esse con-

junto esteja desassociado da presença de Terra Preta Indígena (TPI) (Py-Daniel 2015, Marinho 2022). Em outros contextos, como na Amazônia Central, onde muitos sítios possuem uma presença efêmera de materiais ligados a esse conjunto, foi sugerido que os produtores dessa cerâmica realizariam ocupações temporárias de áreas antropizadas (i.e., áreas de TPI com vegetação manejada) por grupos anteriores (Belletti 2016a).

A classificação cerâmica da TPA foi sistematizada por Meggers e Evans (1957, 1968), Tamanaha e Neves (2012, 2014), Moraes e Neves (2012), Almeida e Moraes (2016), Belletti (2015, 2016), Lopes (2018) e Oliveira (2022). Trata-se de uma cerâmica manufaturada por acordelamento. A maior parte das pastas tem queimas com núcleos escurecidos. As vasilhas possuem tamanhos, formas e volumes variados, com destaque para a presença de flanges labiais e, principalmente, mesiais, assim como para as urnas funerárias antropomorfas (Oliveira 2022). As pinturas eram executadas nas duas superfícies dos vasos, com tonalidades pretas, marrons, vermelhas, laranjas e amarelas, em geral, acima de camadas de engobo branco, cinza ou creme. Além das pinturas, feitas em motivos com diferentes espessuras, muitos vasos recebiam também acabamentos acanalados. As intervenções produziam motivos complexos e imbricados, combinando elementos antropomórficos – braços, pernas e rostos com diademas – e zoomórficos em corpos compósitos (Oliveira 2022).

No Baixo Amazonas, a presença da policromia fez com que produções cerâmicas com trajetórias

históricas díspares fossem inseridas na Tradição Policroma, como é o caso da fase Marajoara (Meggers & Evans 1957), de conjuntos cerâmicos tardios das Guianas e do Baixo Amazonas (cf. Meggers 1971, Oliveira 2022). É nítida a existência de redes de relações de longuíssima distância que se expressam, principalmente, ao redor do ano mil, quando urnas funerárias antropomorfas e iconografias reiteram influências entre produções cerâmicas distintas (Barreto 2016). Entretanto, o uso da policromia nestes conjuntos parece estar relacionado, especialmente, às formas como grupos ceramistas mais tardios manejam e metamorfoseiam o arcabouço estilístico da Tradição Pocó-Açutuba, do qual sua produção cerâmica teria sido herdeira (Almeida et al. 2021).

A cronologia da Tradição Policroma foi revista, nos últimos anos, por essa nova definição de seus componentes e por novas datações, com datas do Alto Madeira (século VII EC) e Médio Solimões (século VI). No entanto, seria apenas ao redor do século XI que a TPA se expandiria pela Amazônia Central e Ocidental, possivelmente chegando à maior densidade de ocupações, no século XIV, e seguindo, nos séculos seguintes, até os períodos colonial e pós-colonial de forma reconfigurada (Lopes et al. 2024).

A relação entre Tradição Policroma e grupos linguísticos é outro tópico de intenso debate recente. Retomando e aprimorando a hipótese inicial de Brochado (1989) e Lathrap (1970), Moraes e Neves (2012), Almeida (2013), Moraes e Almeida (2016) e Neves (2022) associam a dispersão da Tradição Policroma a um processo multiétnico encabeçado por

**Figura 1 – Cerâmicas Caiambé e Tefé. Fonte: Hilbert (1968).**



grupos falantes de línguas Tupi. Por outro lado, partindo de uma revisão sistemática das publicações sobre a TPA e de novos dados produzidos no Médio Solimões, Belletti (2015, 2016) critica a correlação estabelecida entre a dispersão desta e uma associação geral ao processo de expansão de povos falantes de línguas Tupi, enfatizando a diversidade regional e histórica da TPA. Para essa crítica, os dados produzidos na região do Médio Solimões foram fundamentais.

### 3. A TPA NO MÉDIO SOLIMÕES<sup>1</sup>

Na primeira metade do século XX, o antropólogo e missionário Constant Tastevin (2008) desenvolveu estudos meticulosos dessas cerâmicas em parceria com Alfred Métraux (1930), que fará a primeira síntese dos dados do Solimões. Peter Paul Hilbert (1962, 1968) foi o primeiro a realizar escavações sistemáticas na região. Hilbert, colaborador de Meggers e Evans, descreve a cerâmica regional e define uma sequência inicial de ocupações compostas pelas fa-

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, chamamos de Médio Solimões a área ao redor do médio curso desse rio entre a foz do rio Jutai e a foz do rio Purus.

ses Caiambé, Japurá – inicialmente pensada como produção regional, mas incorporada posteriormente por outros autores à Caiambé (Costa 2012) – e Tefé. Caiambé e Tefé (figura 1) seriam associadas respectivamente às Tradições Borda Incisa e Polícroma.

Investigando o sítio Caiambé, pouco abaixo da boca do lago homônimo, Hilbert (1968) infere a existência de mudança cultural gradual entre os conjuntos Caiambé e Tefé. Tal interpretação baseou-se na ausência de uma ruptura estratigráfica entre ambas as ocupações, como a que foi observada pelo próprio autor na área de confluência entre os rios Negro e Solimões (Hilbert 1968). Ao invés da ruptura, o autor encontrou uma camada de transição, na qual elementos da fase Caiambé, predominantes na camada mais profunda, e da fase Tefé, preponderantes na camada superior, encontravam-se misturados (Lopes 2018).

O contexto arqueológico do Médio Solimões foi revisitado sistematicamente no início do século XXI, especialmente a partir das pesquisas do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMA). Até o momento, identificaram-se cerca de 350 sítios na região (figura 2). Estudos como os de Costa (2012) e Gomes (2015), no Lago Amanã, tornaram a sequência de Hilbert (1968) mais complexa, acrescentando a ela dois componentes mais antigos: um regional, cunhado como Amanã, e outro associado à Tradição Pocó.

Sobre os contextos Polícromos, as pesquisas reavaliaram as observações de Hilbert (1968). Tamanaha (2012) investigou sítios ao redor do Lago de

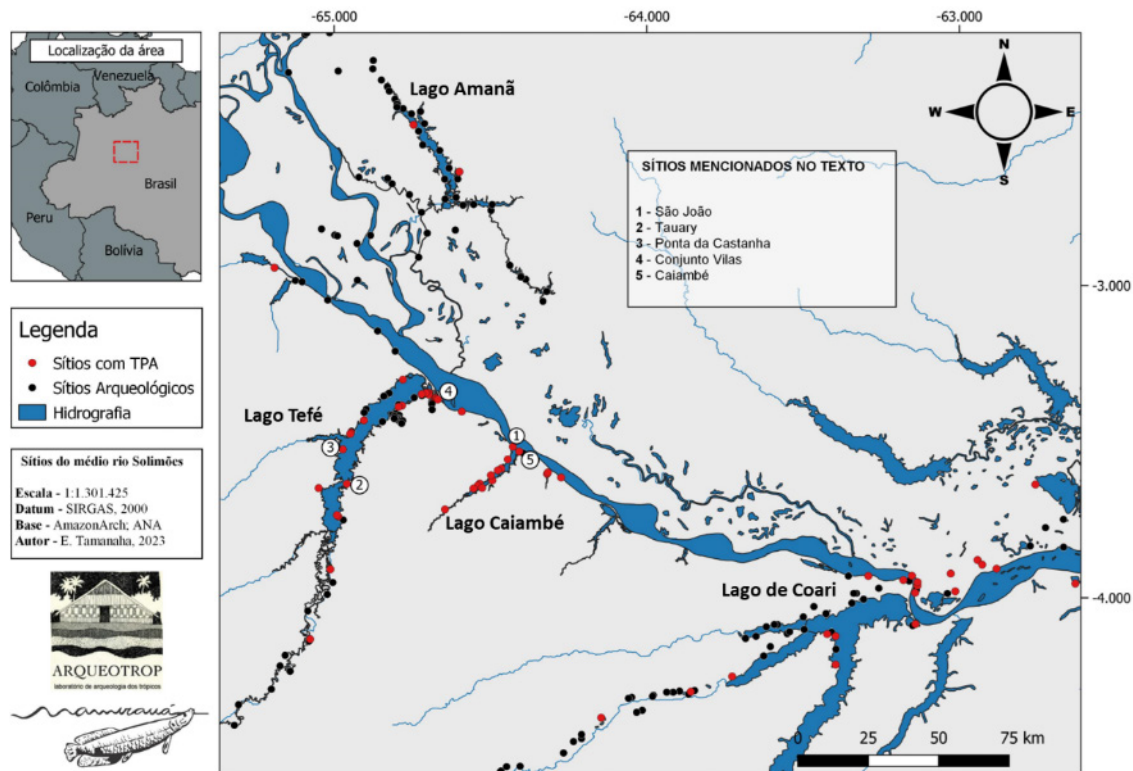
Coari, cuja análise cerâmica apontou para grande diversidade tecnológica na confecção das vasilhas Polícromas, contrastando com a maior homogeneidade em seus aspectos morfológicos e decorativos. A cronologia dessas ocupações indicaria três momentos históricos: um momento inicial de ocupação do lago ao redor de 1200 AP; outro de maior expansão e chegada ao Solimões, associado ao ano mil; e o período de chegada dos europeus, nos séculos XVI e XVII, quando ocorre o término da produção cerâmica (Tamanaha & Neves 2014).

Furquim (2015) e Gomes (2015) conduziram estudos em sítios Caiambé, do lago Amanã, e abordaram a relação entre as ocupações Caiambé e Tefé. Em sítios de habitação associados a produtores de cerâmica Caiambé, encontraram-se, em menor medida, cerâmicas Polícromas, datadas ao redor de 1200 AP, localizadas especialmente em deposições escavadas. Furquim (2015) identificou a presença de cerâmicas diagnósticas das fases Caiambé e Tefé em um desses contextos, junto a cerâmicas que misturavam elementos de ambas, como motivos triangulares emblemáticos da cerâmica Caiambé feitos com o acanalado característico da fase Tefé. Em sítios do lago, identificaram-se contextos funerários Caiambé, sepultamentos primários realizados em grandes vasilhas cerâmicas com indícios de serem reutilizadas como urnas.

Belletti (2015), pesquisando o lago Tefé, levantou 41 sítios, identificando cerâmicas Tefé e Caiambé junto a materiais hibridizados. A autora escavou, por exemplo, o sítio Conjunto Vilas, anteriormente trabalhado por Tastevin (2008) e Hilbert (1968). Se-

Figura 2 – Arqueologia do Médio Solimões e ocupações Polícromas.

Elaboração: Eduardo Tamanaha.



gundo ela, trata-se de um sítio de habitação associado a comunidades produtoras de cerâmica Caiambé, mas com marcada presença da cerâmica Tefé e de suas hibridizações. Nessas, fica nítida a busca pela emulação de traços emblemáticos da cerâmica Polícroma – destacadamente os ofídeomorfos. Neste sítio, dois fragmentos cerâmicos com marcadores emblemáticos Polícromos foram datados em torno de 1500 AP. Além destes materiais, encontrou-se um provável sepultamento primário em um contexto impactado por intervenções recentes, mas possivelmente associado a cerâmicas híbridas.

Para as três autoras, o contexto regional sinaliza o desenvolvimento conjunto das produções cerâmicas Tefé e Caiambé, que seria decorrente, no âmbito sociopolítico, da predominância de relações de troca, de casamentos entre grupos e da realização de rituais conjuntos. No lago Amanã, esse momento se seguiria de outro, de ocupações de baixa densidade de produtores de cerâmicas Polícromas (Gomes & Neves 2016).

Por esse contexto diverso, o Médio Solimões tornou-se área-chave para a compreensão da Tradição Polícroma, mas permanecem questões que precisam

de aprofundamento: qual seria a temporalidade da convivência entre produções cerâmicas? Quais são os sentidos dessa convivência? Como se deu seu fim? A fim de abordar essas questões, realizamos escavações nos sítios São João (SJ), localizado na foz do lago Caiambé, Ponta da Castanha (PC) e Tauary, nas margens do lago Tefé.

## 4. MÉTODOS

### 4.1 ESCAVAÇÃO

As escavações de SJ, PC e Tauary seguiram os métodos de escavação desenvolvidos pelo Projeto Amazônia Central (PAC) e aprimorados, desde os anos 90, para dar conta da complexidade do registro arqueológico amazônico e das dificuldades logísticas de seu estudo (Lima 2008, Moraes 2013, Neves 2022).

A topografia foi realizada com aparelhos de GPS e Estação Total. As coletas de superfície foram feitas de forma sistemática e assistemática. As praias de rio abaixo dos barrancos onde se concentram os materiais dos sítios foram áreas prioritárias. As tradagens foram realizadas por meio de escavadora biarticulada com cerca de 30cm de diâmetro, níveis artificiais de 20cm, aprofundando até 1m ou 1,60m. A malha de tradagem foi flexível, alternando entre 10, 25, 50 e 100 metros, conforme o grau de detalhamento contextual almejado. As unidades de escavação variaram entre 1m<sup>2</sup> e 2m<sup>2</sup>, com níveis artificiais de 10cm até chegar à camada estéril. O sedimento foi peneirado em peneira seca ou molhada com malhas entre 5mm e 2mm. Em cada nível, coletaram-se

materiais arqueológicos e sedimento. Concentrações articuladas de materiais foram nomeadas de feições e escavadas separadamente.

### 4.2 ARQUEOBOTÂNICA

Para a recuperação de microvestígios botânicos carbonizados, coletaram-se 10L de sedimento por nível artificial para flotação. O material foi flotado (Scheel-Ybert et al. 2006), e as amostras peneiradas e divididas em três classes de tamanhos: >4mm; 2-4mm; <2mm. Os materiais >4mm e 2-4mm foram triados entre as diversas classes de material arqueológico – líticos, cerâmicas, ossos e carvões –, com o auxílio de lupa binocular. Os carvões foram separados entre material lenhoso (madeira) e não lenhoso (fragmentos de frutos, sementes e órgãos de armazenamento subterrâneo). Entre estes últimos, as amostras com características diagnósticas foram separadas e comparadas à coleção de referência de vegetais carbonizados da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) para a sua identificação botânica.

Fitólitos e grãos de amido foram extraídos de quatro fragmentos cerâmicos de SJ que tinham sido isolados em campo e não lavados. Em laboratório, o interior das peças foi lavado com água destilada, utilizando uma escova de dente, e o sedimento posteriormente concentrado e tratado quimicamente para a separação de grãos de amido e fitólitos (Coil et al. 2003). O material utilizado para manipular as amostras foi previamente esterilizado em autoclave, e três placas de Petri contendo água destilada foram deixadas na superfície das bancadas durante o período de



processamento das amostras. Essa água foi analisada e estava livre de grãos de amido. As análises foram feitas no Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (USP), utilizando um microscópio Carl Zeiss Lab A1 com aumento de 400 e 630X.

Realizaram-se levantamentos das espécies botânicas que ocorrem nos três sítios estudados e seus entornos, a fim de mapear espécies úteis e domesticadas (cf. Clement 1999, Levis et al. 2017) existentes na região, para identificar as continuidades entre o registro arqueobotânico e as espécies manejadas no presente pelos moradores locais.

### 4.3 ANÁLISE CERÂMICA

Os métodos de curadoria e análise cerâmica utilizados na presente pesquisa são tributários de pesquisas na Amazônia Central (Lima 2015, Machado 2007), adaptados ao contexto do Médio Solimões (Belletti 2015, Lima 2022, Lopes 2018, Tamanaha 2012).

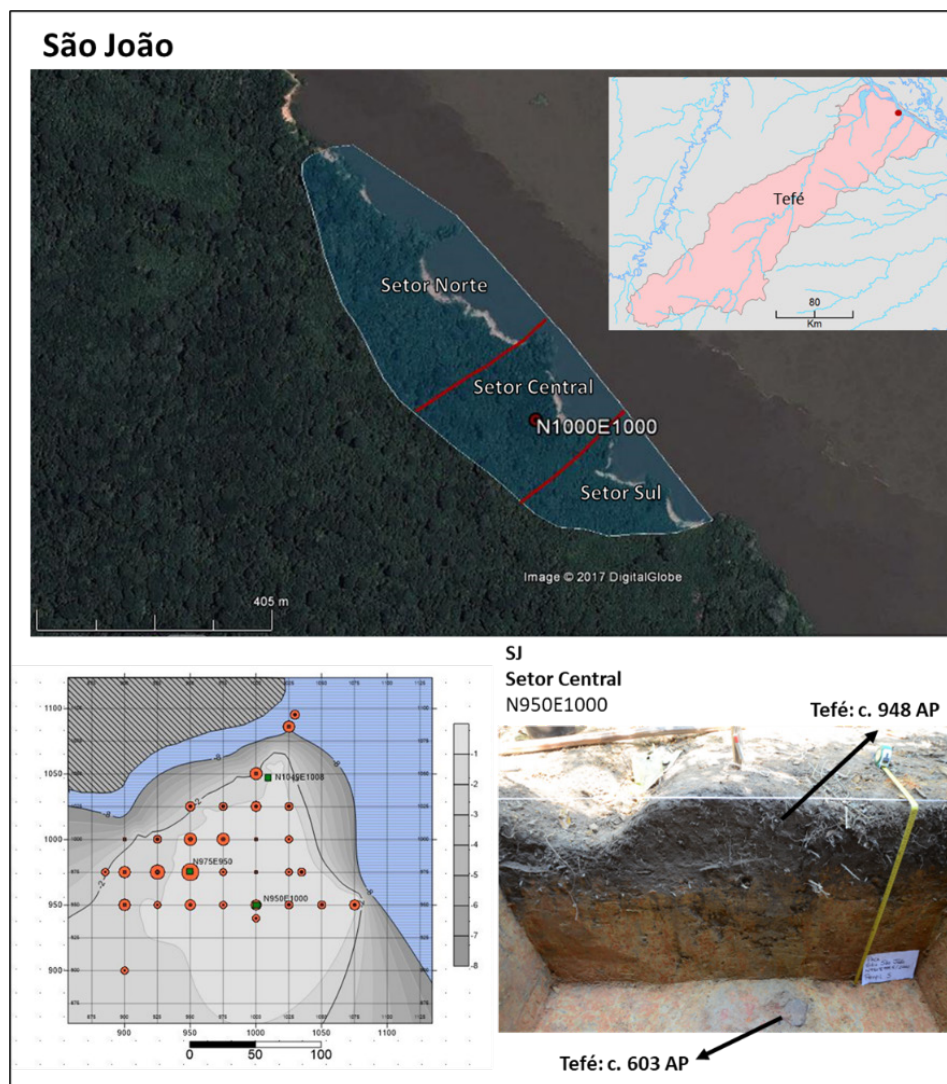
Para a análise cerâmica, privilegiaram-se fragmentos cerâmicos que providenciassem mais informações morfológicas: bordas, bases, flanges, apêndices e objetos cerâmicos, como estatuetas, além de fragmentos “reciclados”. As análises voltaram-se à compreensão de aspectos tecnológicos, morfológicos e de acabamento das vasilhas e objetos, sob a perspectiva de mapear as escolhas tecnológicas e estilísticas e as performances buscadas em seu processo produtivo e uso (Schiffer & Skibo 1997). O acúmulo de dados da produção cerâmica levou a perceber uma amplitude de escolhas possíveis e, dentro delas, a recorrência de algumas escolhas so-

bre outras. As recorrências apontam para escolhas prioritárias na produção e para performances escolhidas mais frequentemente, indícios de aspectos sociais diversos (Dias & Silva 2001). A análise das escolhas inscritas no material cerâmico dividiu-se em análise das pastas, das morfologias, dos acabamentos e das marcas de uso.

A investigação das pastas cerâmicas buscou identificar escolhas nos processos de coleta de argila, adições à pasta e ambiente e temperatura de queima. As combinações mais recorrentes de escolhas no processo de produção das pastas cerâmicas foram organizadas em composições (Lopes 2018). A reconstituição das morfologias cerâmicas propôs mapear variações significativas na forma de moldar vasilhas, que podem se atrelar a aspectos culturais, contextuais ou funcionais (Raymond 2009). Com os dados, formaram-se conjuntos morfológicos que definiram a parafernália cerâmica dos sítios e de períodos.

Nas análises dos acabamentos, a identificação de escolhas buscou variações nos tratamentos de superfície, nas técnicas decorativas plásticas, nas cores pintadas e nos motivos. Também, investigaram-se índices presentes nos fragmentos assinalados como elementos emblemáticos das produções cerâmicas conhecidas para a região. A análise fundamenta-se na percepção do uso dos elementos emblemáticos para compor a aparência socialmente reconhecida das cerâmicas, elementos que as ceramistas tendem a manejar em seus significados políticos, identitários e simbólicos (Bowser & Patton 2008).

Figura 3 – Sítio São João e suas intervenções. Elaboração: Rafael de Almeida Lopes.



## 5. CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

### 5.1 SÃO JOÃO (SJ)<sup>2</sup>

O sítio São João (figura 3) localiza-se em um barranco da margem direita do rio Solimões, a cerca de 1km da foz do lago Caiambé, próximo também do sítio homônimo escavado por Hilbert (1968). O bar-

ranco estende-se por 900m ao longo do rio, de onde é possível ver uma fina, mas constante camada de TPI, intervalada por feições escavadas no latossolo. Por localizar-se na beira do Solimões, esse sítio vem passando por uma rápida degradação que recorta o sítio em baías semilunares. Atualmente, o terreno é

<sup>2</sup> Para descrição completa do contexto do sítio, conferir Lopes (2018).

uma propriedade privada sem uso, o que a deixou com uma densa capoeira, dificultando a mobilidade e a extensão de linhas de tradagens.

São João é cortado por igapós e igarapés – um destes dá acesso ao interior do lago – que recortam o sítio em três setores. O setor Central foi o alvo principal das atividades de campo, enquanto os setores Norte e Sul foram amostrados por coletas de superfície. Ao todo, foram 20 quadras de 1x1m, onde foram feitas coletas de superfície. Ainda no setor Norte, 03 feições encontradas no barranco foram amostradas. No setor Central, foram realizadas 33 tradagens e abertas 03 unidades de escavação. Os dados apontam para um sítio de 18 hectares (900x200m), com um pacote médio de TPI de 50cm de profundidade. Trata-se de um sítio com predominância componencial Polícroma, formada por duas camadas de ocupação Tefé, identificadas nas três unidades (Lopes 2018).

As feições escavadas permitiram apreender gestos e práticas na escala dos eventos, abrindo frestas para a curta duração. Identificaram-se, entre as feições, a deposição ordenada de vasilhas inteiras altamente decoradas, a presença de fragmentos usados como tampas, furos intencionais nas bases e coberturas dos contextos com camadas de fragmentos. Parte das morfologias cerâmicas encontradas foram tentativamente associadas ao armazenamento e consumo de bebidas fermentadas. Uma feição abaixo da TPI, datada de 948 AP<sup>3</sup>, apresentou vasilhas Polícromas junto a materiais associados ao conjunto

Caiambé, contexto similar ao estudado por Furquim (2014) no lago Amanã. Outra feição mais recente, datada de 502 AP, continha morfologias similares, porém apenas associadas ao conjunto Tefé. Estas feições, como em outros contextos amazônicos (Saldanha & Cabral 2016), foram interpretadas como bolsões cerimoniais ou festivos, representativos de encontros que envolveriam múltiplos grupos.

Na média duração, identificaram-se duas conjunturas: 1) a mais antiga ao redor, datada de 948 AP, na qual a produção cerâmica Polícroma, predominante, dividiria espaço com a produção Caiambé, esta expressa especialmente pelas incisões onduladas, pelo engobo vermelho e pelos apêndices zoomorfos, com um estilo hibridizado, em que estes elementos se fundiriam aos da cerâmica Polícroma; 2) a mais recente, associada a datas de 502, 525 e 603 AP, na qual seria identificada a expansão das áreas de TPI, a aparição da reciclagem de fragmentos cerâmicos, como calibradores, e a padronização estilística e formal da cerâmica Tefé, que não mais apareceria junto à cerâmica Caiambé, mantendo apenas variações no repertório iconográfico Polícromo.

Na escala de longa duração, é possível interpretar SJ pelas continuidades em sua ocupação de cerca de 600 anos, pelas práticas de manejo das paisagens à beira do Solimões, pelas atividades cotidianas, como aquelas responsáveis pela produção de TPI e de cerâmicas Polícromas, e, ainda, pelas atividades especiais, como aquelas responsáveis pela formação de bolsões.

<sup>3</sup> No texto do artigo, apresentamos as medianas calibradas das datações radiocarbônicas dos sítios estudados. Utilizamos uma curva mista 50% IntCal/50%SHCal para a calibração. A descrição completa das datas encontra-se na tabela 1.

## 5.2 PONTA DA CASTANHA (PC)

O sítio Ponta da Castanha (figura 4) pode ser considerado um complexo arqueológico composto por sete setores, totalizando cerca de 5 km acima de um alto barranco na beira da confluência entre os rios Tefé e Bauana, quando esses formam o lago Tefé. A posição destacada na paisagem é complementada pela presença de densos castanhais e pela localização em uma ponta de terra, tornando-a um local com alto potencial arqueológico. As intervenções concentraram-se nas áreas BJPC, contígua à atual comunidade ribeirinha Bom Jesus da Ponta da Castanha, cujo histórico de ocupação remonta aos anos 50, e Japona I e II, situadas em área de antiga comunidade ribeirinha. Além destas, as áreas Mirante e TPISC foram amostradas com sondagens e tradagens, enquanto as áreas Vila Sião (VS) e São Jorge da Ponta da Castanha (SJPC), respectivamente, uma comunidade ribeirinha e uma aldeia indígena Tikuna homônimas, tiveram materiais em superfície identificados e registrados.

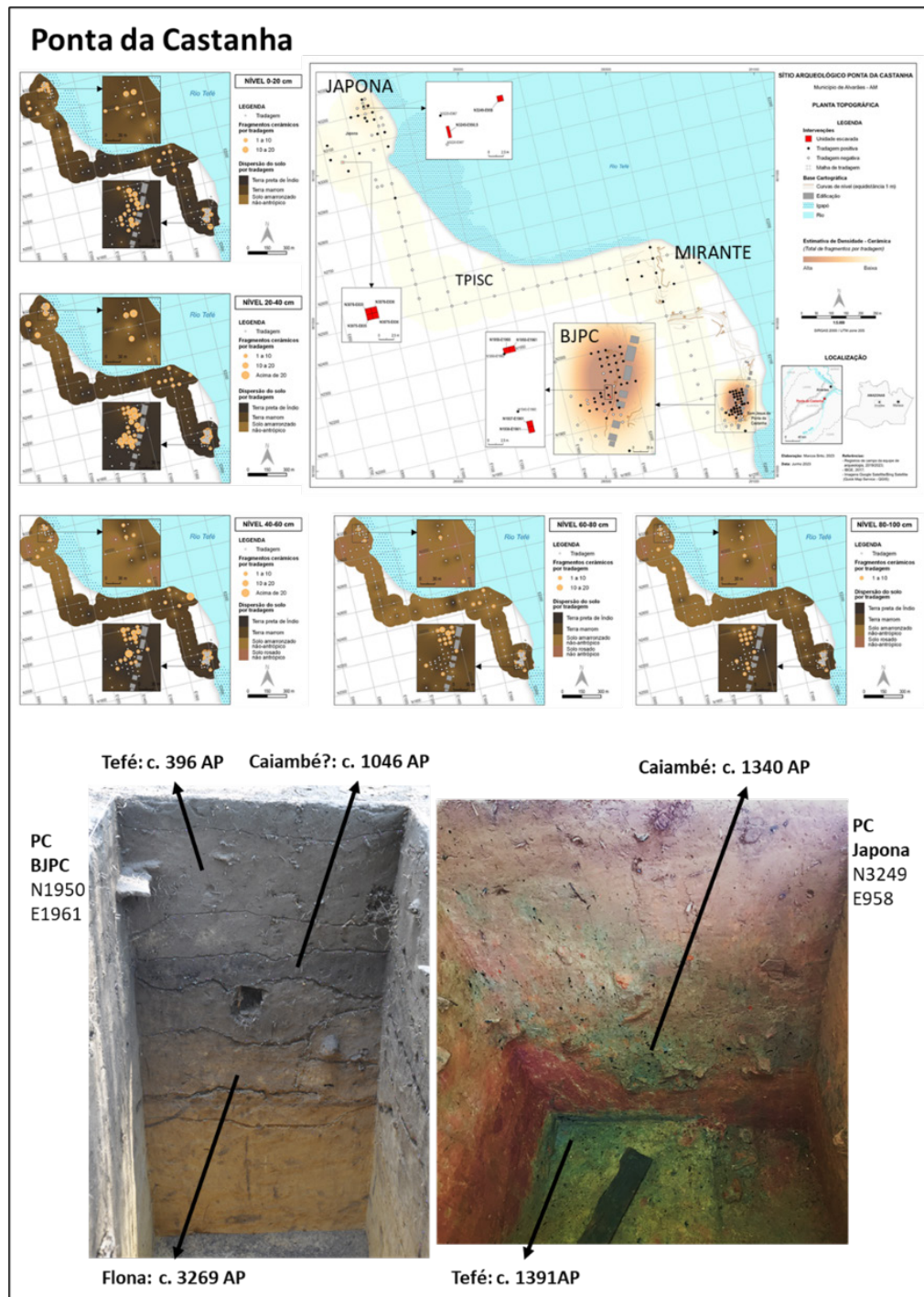
Realizaram-se 31 coletas de superfície, destacando-se, entre elas, uma estatueta antropomorfa no setor Japona I, com diadema ao modo Polícromo e base semilunar. As linhas de tradagem buscaram compreender se as áreas com material arqueológico seriam contínuas ou se ocorreriam intervalos entre elas, além de entender os contextos dessas áreas. Ao todo, realizaram-se 123 tradagens, que reforçaram o aspecto de um complexo arqueológico formado de maneira diversa, porém conectada. Foram abertas cinco unidades de escavação, duas no setor BJPC,

uma no Japona I e outras duas no Japona II. Na área BJPC, identificaram-se cinco camadas de ocupação, enquanto, nos setores Japona, um contexto complexo de múltiplas ocupações foi encontrado.

Na curta duração, as feições escavadas encontradas na Ponta da Castanha remetem a uma multiplicidade de contextos, seja na deposição de vasilhas completas e com furo, seja no enterro de materiais Tefé antigos abaixo de uma camada Caiambé ou no enterramento de urnas funerárias antropomorfas em SJPC. Na área Japona II, encontrou-se um contexto aparentemente doméstico, no qual vasilhas inteiras ou pouco fragmentadas indicaram a presença de cerâmicas Caiambé e Tefé contemporaneamente em um mesmo ambiente domiciliar e, por consequência, o conviver entre essas cerâmicas.

Na média duração, os diferentes setores do sítio Ponta da Castanha apresentaram diversidade de conjunturas que uma bateria de datações ajudou a desemaranhar. A história inicia-se há mais de três mil anos, com ocupações, aparentemente de baixa densidade, de produtores de um conjunto cerâmico local alcunhado de Flona e identificado na área BJPC, assim como nos sítios Tauary e São Francisco do Bauana, na margem oposta do rio Bauana. Este conjunto, que ainda não havia sido descrito, datado de 3269 AP (tabela 1), é caracterizado por pastas cinzas e brancas, cauíxí em grandes concentrações, pouco alisamento, engobo amarronzado e acanalados em motivos ondulares. As morfologias encontradas foram globulares, vasos de gargalo e uma pequena tigela carenada.

Figura 4 – PC e suas intervenções. Setores VS e SJPC encontram-se, respectivamente, a 800m ao Norte da Japona e a 900m ao Sul de BJPC. Elaboração: Rafael de Almeida Lopes e Marcos Brito.



**Tabela 1 – Datações dos sítios trabalhados em ordem de conjuntos. Abreviaturas: Conjunto cerâmico (Conj.), Número de Proveniência (NP), Código laboratorial da amostra radiocarbônica datada (Cód.), Profundidade (Prof.), Idade Antes do Presente (Idade AP) e Mediana da idade Calibrada (Idade Cal).**

Conj.	NP	Cód.	Sítio	Local	Prof. (cm)	Feição	Material	Idade AP	Erro	Idade Cal	Referência
Flona	PC1024	Poz-156436	Ponta da Castanha	N1936E1961	120-130		Carvão	3075	30	3269	Inédita
Flona	TAU409	Beta – 596119	Tauary	N741E820	90-100		Carvão	2340	30	2335	Inédita
Caiambé	PC1421	Beta – 599207	Ponta da Castanha	N3249E958	70-80		Carvão	1480	30	1340	Inédita
Caiambé?	PC1212	Poz-156427	Ponta da Castanha	N1950E1960	210		Carvão	1180	30	1058	Inédita
Caiambé?	PC1066	Poz-156435	Ponta da Castanha	N1937E1961	83		Carvão	1175	30	1046	Inédita
Caiambé?	PC3068	Poz-156440	Ponta da Castanha	Castanhahal BJPC	30-40		Carvão	1160	30	1021	Inédita
Tefé/ Caiambé	SJ309	Beta – 468051	São João	N950E1000	60-70	SJ-F5	Caraipé (cerâmica)	1070	30	948	Lopes, 2018
Caiambé/Tefé	PC1904	Beta – 596115	Ponta da Castanha	N3075E835	20-30		Carvão	740	30	665	Inédita
Tefé	PC1474	Beta – 599208	Ponta da Castanha	N3249E958	146	PC-F6	Carvão	1540	30	1391	Inédita
Tefé	TAU404	Beta – 596118	Tauary	N741E820	40-50		Carvão	940	30	840	Inédita
Tefé	TAU11.3	Beta – 660600	Tauary	Urna funerária	50		Carvão	940	30	840	Inédita
Tefé	TAU7.1	Beta – 660601	Tauary	Urna funerária	50		Caraipé (cerâmica)	760	30	676	Inédita
Tefé	SJ308	Beta – 449137	São João	N950E1000	10-20		Caraipé (cerâmica)	650	30	603	Lopes, 2018
Tefé	SJ210	Beta – 484782	São João	N1048E1008	60-70	SJ-F9	Semente ( <i>zea mays</i> )	520	30	525	Lopes, 2018
Tefé	TAU05	Beta – 386838	Tauary	Urna funerária	50		Caraipé (cerâmica)	490	30	513	Belletti, 2015

Tefé	SJ827	FTMC- -AL44-4	São João	N1196E868	30-40	SJ-F1	Semente ( <i>Bertholletia excelsa</i> )	460	27	502	Inédita
Tefé	SJ203	FTMC- -AL44-3	São João	N1048E1008	20-30		Semente (não identificada)	448	27	496	Inédita
Tefé	PC1006	Beta – 596116	Ponta da Castanha	N1936E1961	31		Carvão	370	30	396	Inédita
Tefé	PC3096	Poz- 156426	Ponta da Castanha	Castanh BJPC	10-20		Carvão	370	30	396	Inédita
Tefé	PC1090	Poz- 156437	Ponta da Castanha	N1937E1961	50-60	PC-F1	Carvão	370	30	396	Inédita
Tefé	TAU392	FTMC- -AL44-1	Tauary	N1066E941	0-20		Semente ( <i>Oenocarpus bacaba</i> )	368	28	394	Inédita
Tefé	TAU130	FTMC- -AL44-2	Tauary	N1064E941	30-40	TAU- -F1	Semente ( <i>Bertholletia excelsa</i> )	365	27	392	Inédita
Tefé	TAU01	Beta – 386837	Tauary	Urna fune- rária	50		Caraipé (cerâmica)	320	30	388	Bellet- ti, 2015

Outra ocupação antiga, já na área Japona II, refere-se a fragmentos, em feição, associados à Tradição Pocó e ainda não datados. Passando para a área Japona I, possivelmente associada a uma estrutura monticular, um contexto Tefé antigo, datado de 1391 AP, foi encontrado enterrado abaixo de um contexto Caiambé, com uma data de 1340 AP, ou seja, possivelmente contemporâneo a este. As ocupações Caiambé aparecem também na unidade escavada no setor Japona II, com datas de 665 AP, em contexto no qual também há nítida presença Polícroma e de material hibridizado.

No setor BJPC, uma data de 1046 AP foi obtida em uma camada fina e escura de TPI, sem cerâmica,

que pode estar associada a esse contexto Caiambé. Nas camadas superiores desse setor, identificou-se também um contexto Tefé característico, mas sem sinais de presença Caiambé. O contexto foi datado em 396 AP, data próxima à estimada para a castanheira mais antiga da Ponta da Castanha (Victor Lery, comunicação pessoal). Urnas funerárias Polícromas foram encontradas em SJPC pelos Tikuna, mas são necessários mais estudos nesse setor para entender sua cronologia. Até o momento, esses resultados indicam uma ocupação Polícroma de menor densidade. Considerando as áreas de ocupação, tradagens e caminhamentos revelaram uma dispersão e densidade maior das ocupações Caiambé,

desde o setor Mirante até cerca de 200m a Norte do setor Japona I. Por fim, entre estas conjunturas e a atual, das comunidades ribeirinhas, é possível que outras ocupações ainda pouco conhecidas possam ter ocorrido, vide a presença de materiais como grés nas praias do setor BJPC.

Na longa duração, os mais de três mil anos e pelo menos cinco momentos de ocupação de PC apontam para a formação de um “lugar persistente” (Zedeño & Bowser 2009) repetidamente reocupado e ressignificado de forma desigual ao longo de toda a sua área. A continuidade produziu uma série de legados à paisagem atual, entre os quais possivelmente os próprios castanhais que nomeiam o lugar. Essa desigualdade é também significativa, pois mostra diversidade nas formas de habitar e construir a paisagem que ocasionalmente se congregam espacialmente. Assim, embora as ocupações Caiambé e Polícroma tardia não dividam o espaço da mesma forma, essa última reocupa espaço utilizado pelos produtores da cerâmica chamada de Flona. Ademais, as datas de cerâmicas Tefé, na Ponta da Castanha, revelam uma duração de mais de um milênio dessa produção, também identificada na pesquisa de Belletti (2015).

### 5.3 TAUARY

O sítio Tauary (figura 5) foi identificado por Claide Moraes e Bernardo Costa, no ano de 2006, em comunidade homônima, escavado efetivamente em 2018. Em 2014, 6 urnas funerárias antropomorfas Polícromas em dois contextos foram encontradas pela comunidade e estudadas por Belletti (2015)

e Oliveira (2022). Tauary encontra-se a 12km acima de PC e do lago Tefé, em comunidade homônima, já na extensão meandrosa do rio Tefé. A comunidade, formada nos anos 1980, encontra-se na margem direita do rio, em área elevada que forma uma baía semi-lunar.

A escavação do sítio objetivou compreender, em termos gerais, sua configuração e seus componentes arqueológicos, em especial, a presença de contextos funerários Polícromos. Ao todo, realizaram-se 74 tradagens, que revelaram, de forma estável, a presença de dois componentes arqueológicos, separados por uma camada de transição, a ocupação mais profunda sendo mais dispersa. O sítio tem uma área de c. 900x200m ao longo do barranco. Abriram-se duas unidades de escavação para compreender a estratigrafia do sítio e suas ocupações: a primeira, uma unidade 3x1m, aberta no setor Norte, e a segunda, uma unidade 1x1m, aberta no setor Sul. As unidades confirmaram a existência de duas camadas de ocupação e atestaram a camada mais profunda como mais densa que a camada superficial. Para abordar o contexto funerário, foi aberta uma área de 12m<sup>2</sup>.

A escavação e o posterior estudo de um terceiro conjunto de urnas permitiram descrever, de maneira mais cuidadosa, o espaço, os gestos e os processos tafonômicos, auxiliando a vislumbrar eventos na curta duração.

Sobre os dois conjuntos encontrados em 2014, o primeiro contaria com duas urnas e o segundo, com quatro, que estavam a 2m de distância um do outro. As urnas do primeiro conjunto estavam em posições



Figura 5 – Tauary e suas intervenções. Elaboração: Rafael de Almeida Lopes e Marcos Brito.

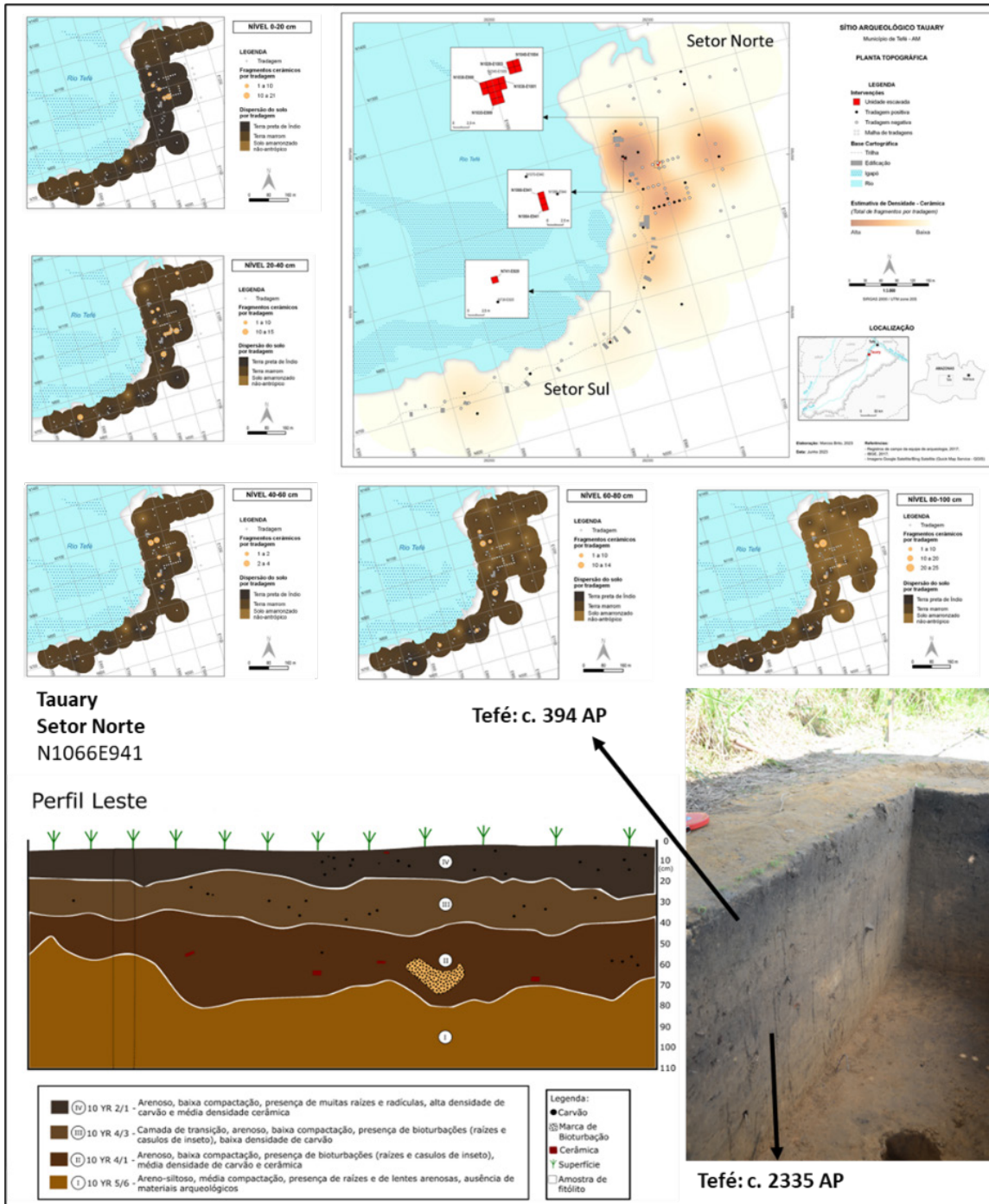


Figura 6 – Reconstituição gráfica do esquema iconográfico das urnas 1 (acima) e 4 (abaixo) encontradas em conjunto no sítio Tauary. A disposição dos campos, conforme apresentado na imagem, revela a sobreposição de rostos humanos e figuras que remetem a serpentes. Esquemas e fotos: Erêndira Oliveira.



opostas no sentido Sudeste-Nordeste, enquanto as outras quatro estavam com as tampas apontadas para o Norte. Ambos os conjuntos foram enterrados a cerca de 50cm de profundidade. As urnas do primeiro conjunto, datadas de 513 AP, compreendem duas peças não tão nitidamente antropomorfas, com corpos cilíndricos e bases cônicas, pintura vermelha e marrons e pretas sobre branco ou diretamente sobre a superfície cerâmica. As quatro urnas do outro contexto de enterramento possuíam características antropomorfas, tendo elementos como rostos, diademas e membros articulados produzidos pela combinação de modelados e pintados (figura 6). Todas as urnas documentadas apresentaram apliques modelados em suas tampas, majoritariamente em forma de pássaros (Belletti 2015, Oliveira 2022). O segundo conjunto, de quatro urnas antropomorfas, foi datado de 388 AP.

O conjunto escavado, em 2018, contém nove urnas e foi evidenciado a partir de 15cm abaixo da superfície. Por meio da análise em campo, pudemos identificar que todas as urnas foram depositadas juntas em um único evento, mas que possivelmente teriam contextos de produção distintos, visto a diversidade de tamanho, formas, técnicas e motivos decorativos das urnas, assim como a própria conservação dos vasos, que é extremamente variável. A interpretação proposta em campo, de que as urnas poderiam ter sido feitas em momentos diferentes, foi reforçada pela obtenção de duas datações para o conjunto das nove urnas, 840 AP (urna 11) e 676 AP (urna 7), tratando-se provavelmente de um contexto

multitemporal. Ambas as urnas datadas apresentaram pastas com caraipé, assim como os dois conjuntos identificados anteriormente (Marinho 2022).

As urnas foram depositadas deitadas (figura 7) e todas parecem ter sido colocadas em uma cova com a base relativamente plana, coberta por fragmentos cerâmicos, os quais estavam mais concentrados na parte sul da cova (figura 7-d). Estes fragmentos estão associados à camada abaixo da camada Polícroma, indicando um aproveitamento de materiais mais antigos pelos grupos que utilizavam o local para sepultamentos. Outro detalhe que chama atenção é que as tampas de todas as urnas foram encontradas no local, com pouquíssima movimentação em relação ao corpo. A deposição simultânea das urnas pôde ser atestada pelo contato direto entre elas, além da sobreposição das urnas sobre apliques de tampas e bancos.

Seguindo para a média duração, as conjunturas de Tauary se dividiram entre a ocupação mais antiga e mais densa, associada ao conjunto Flona, datado de 2335 AP, e a mais recente, associada à TPA. Além das urnas, as duas unidades também tiveram material Tefé datado: o contexto da unidade 1x1m, localizada no setor Sul do sítio, foi datado de 840 AP, similar à urna 11. Já no contexto da unidade 3x1m, a ocupação Polícroma foi datada de 392 e 394 AP, em uma configuração com cerâmicas acinzentadas, com presença exclusiva de caraipé e muita fuligem. Trata-se, assim, de contexto provavelmente associado à produção de alimentos e contemporâneo ao da urna 1. Em resumo, a TPA, no sítio Tauary, aparece em três configurações: baixa densidade cerâmica, com muita decoração

**Figura 7 – Urnas do Tauary: a) escavação do conjunto de 9 urnas encontrado em 2018; b) conjunto das 9 urnas após escavação; c) início da retirada das urnas acompanhado pela comunidade; d) desenho do conjunto das urnas, colocando em evidência sua numeração e o material cerâmico associado. Fotos: Acervo IDSM. Esquema: Rafael de Almeida Lopes.**



na unidade 1x1m, maior densidade cerâmica de material menos decorado, com muita fuligem na 3x1m, e uma configuração propriamente cemiterial.

Na longa duração, além da reiteração da presença de espécies botânicas, em especial, a castanha-da-Amazônia (*Bertholletia excelsa*), da reocupação da paisagem ao longo de milhares de anos, a continuidade se apresentou no uso do sítio como cemitério. Embora pela portabilidade e diversidade das urnas Polícromas se possa pensar em uma movimentação intersítio e intertemporal dessas urnas, é mais provável, considerando as datações

das unidades, interpretar o contexto como um espaço cemiterial estruturado, persistente, manejado, revisitado e ampliado por cerca de 500 anos, em que temos uma padronização dos gestos de enterramento com urnas policromas enterradas coletivamente, contendo remanescentes humanos cremados (Marinho 2022).

#### 5.4 CONTEXTOS ARQUEOBOTÂNICOS (SJ E TAUARY)

Os macrovestígios arqueobotânicos de SJ e Tauary incluem uma considerável riqueza de espé-

cies de árvores frutíferas, entre as quais destacam-se a castanha-da-Amazônia (*Bertholletia excelsa* – Lecythidaceae), o cacau e o cupuaçu (*Theobroma* spp. – Malvaceae), o taperebá (*Spondias mombin* – Anacardiaceae), o piquiá (*Caryocar* sp. – Caryocaraceae), o murici (*Byrsonima* sp. – Malpighiaceae) e várias espécies de Areaceae, como bacaba (*Oenocarpus bacaba*), patauí (*Oenocarpus bataua*), açai (*Euterpe* sp.) e tucumã (*Astrocaryum aculeatum*). Ocorrem também representantes não identificados das famílias Fabaceae, Annonaceae e Solanaceae. Duas espécies anuais cultivadas também foram identificadas em SJ: o milho (*Zea mays* – Poaceae), presente tanto entre os microvestígios quanto entre os macrovestígios carbonizados, e a mandioca (*Manihot esculenta* – Euphorbiaceae), identificada apenas entre os microvestígios.

Grãos de amido foram encontrados em apenas um dos quatro fragmentos cerâmicos Polícromos analisados em SJ. O fragmento corresponde a uma vasilha globular, com uma perfuração intencional na sua base, acima do qual uma vasilha com flange labial, também analisada, foi colocada. Da vasilha globular, isolaram-se grãos de amido de mandioca, milho e três espécies não identificadas. Um dos grãos de amido de milho exhibe danos parecidos com os produzidos pela fermentação, o que seria consistente com a morfologia da vasilha, que sugere seu uso para preparar líquidos. No entanto, a amostra é insuficiente para sustentar a presença de bebidas fermentadas. No sedimento dos mesmos artefatos, encontramos fitólitos da espiga do milho, com quantidades elevadas de palmeiras Bactridiinae (tribo que contém os gêne-

ros *Bactris* sp. e *Astrocaryum* sp.) e fitólitos de plantas lenhosas. A presença desses fitólitos, assim como a homogeneidade dos resultados, sugere que eles não estavam associados ao uso das cerâmicas e provavelmente vieram do sedimento em si.

## 5.5 CONTEXTOS LÍTICOS (SJ E PC)

Em SJ e PC, identificaram-se elementos de complexas cadeias operatórias de produção lítica de origem local, compostas por conjuntos de abrasadores planos sobre suportes de arenito ferruginoso, calibradores sulcados de cerâmica, pequenos seixos rolados com marcas de utilização e retiradas por pressão. Entre as feições de SJ, há bolsões selados por lâminas de calibradores cerâmicos. Nesse contexto, registraram-se centenas de calibradores sulcados de cerâmica, além de ferramentas de corte unificiais em arenito, abrasadores planos de arenito ferruginoso, lascas de sílex e seixos com marcas de retiradas (figura 8). Estes últimos compõem etapas de produção de objetos cilíndricos, provavelmente utilizados na manufatura de contas de colares e formas naturais emulando aves, perfuradas e utilizadas como pingentes.

No setor Japona II de PC, as escavações incidiram sobre contextos domésticos Caiambé, que apontam para a imbricação desses com cadeias operatórias de produção lítica. Ainda em PC, dois machados foram identificados entre coleções comunitárias, um deles extremamente desgastado. No sítio Conjunto Vilas, também foram identificados calibradores líticos, contas de colares (circular plana e cilíndrica), machados com desgaste e seixos com marca de lascamento (Belletti 2015).

**Figura 8 – Material lítico: A) Calibradores cerâmicos que selariam feição (SJ); B) Abrasador de arenito (SJ); C) Pingente zoomorfo (SJ); D) Conta lítica (PC).  
Fotos: Rafael de Almeida Lopes e Bernardo Oliveira.**

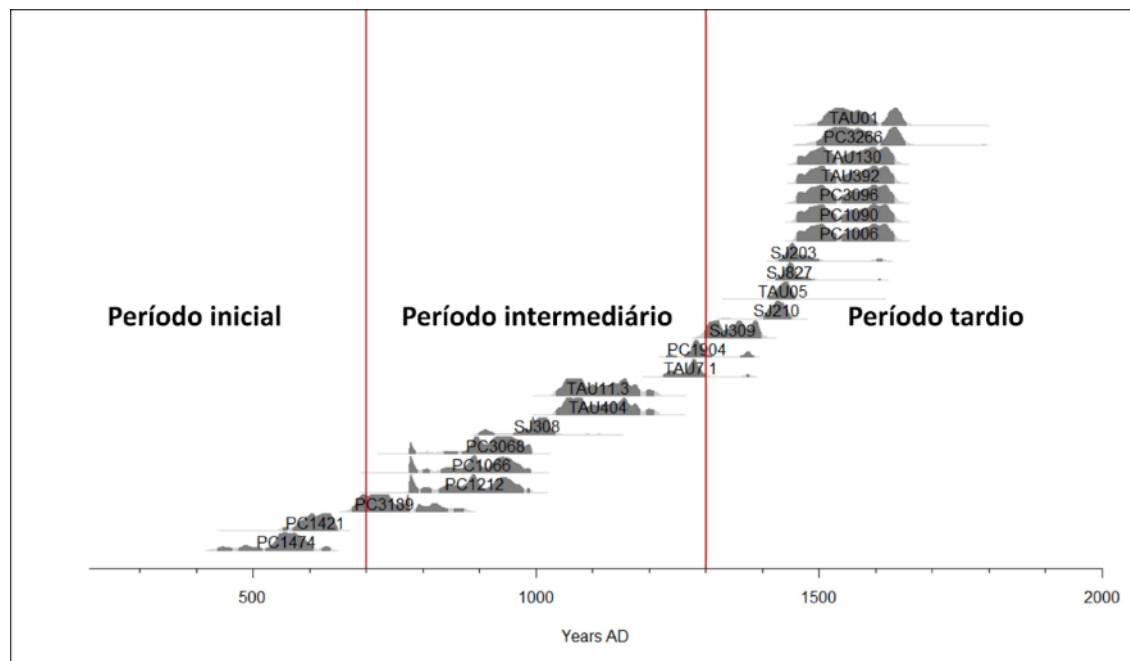


## 6. CONFIGURAÇÕES CONTEXTUAIS DAS CERÂMICAS TEFÉ

O acervo cerâmico analisado dos três sítios foi de 10.573 peças (6.476 de SJ, 2.837 de PC e 1.250 de Tauary), das quais 1.329 (845 de SJ, 320 de PC e 164 de Tauary) passaram por análises tecno-estilísticas mais aprofundadas. Entre os sítios, encontraram-se diferenças contextuais marcantes, associadas a cronologias distintas, interpretadas como indicadores de processos de transformação de suas configura-

ções e relações com outros conjuntos, encontrando ressonância em outros contextos regionais. Os conjuntos foram separados temporalmente em três períodos: inicial, intermediário e tardio (figura 9), assim como os resultados da análise de seus atributos (tabela 2).

**Figura 9 – Distribuições de probabilidade das datações calibradas (curva mista 50% SHCal, 50% IntCal) dos contextos relacionados a Caiambé e Tefé nos sítios abordados. Linha vermelha demarca períodos das três configurações regionais da TPA. Elaboração: Rafael de Almeida Lopes.**



**Tabela 2 – Conjuntos cerâmicos de SJ, PC e Tauary e seus atributos por ordem de maior recorrência. Elaboração: Rafael de Almeida Lopes, Márjorie Lima e Luíza Vieira.**

	Flona	Pocó	Caiambé	Tefé		
				Inicial	Intermediário	Tardio
Sítios abordados	PC (BJPC) e Tauary	PC (Japona) e Tauary	SJ, PC e Tauary	PC (Japona)	SJ, PC (Japona), Tauary	SJ, PC (BJPC), Tauary
Cor da pasta	Cinza, branco	Marrom, preto, laranja	Cinza, ocre, marrom, laranja e branco	Laranja	Laranja, marrom, cinza e rosa	Cinza, laranja, ocre, marrom e preto
Antiplástico	Cauixi, Caraipé, quartzo, caco moído	Cauixi, quartzo	Caraipé, cauixi, carvão, hematita e quartzo	Cauixi, quartzo, hematita e argila moída	Cauixi, caraipé, hematita, quartzo, argila branca	Caraipé, hematita, cauixi, carvão e quartzo

Queima	Redutora, oxidante	Oxidante, redutora	Oxidante, redutora	Oxidante	Redutora, oxidante e mista	Redutora, oxidante e mista
Morfologia	Formas diretas, restritivas e irrestritivas, espessuras médias (0,7-1,4cm), grossas (<1,4 cm) e finas (>0,7 cm)	Formas irrestritivas e restritivas; espaçamento fino ou grosso	Formas irrestritivas, restritivas e diretas; espessuras finas e médias	Forma restritiva e direta; borda cortada em forma de tiara; espessuras finas (0,5-0,9cm)	Vasos de flange mesial, formas irrestritivas, restritivas e diretas; espessuras finas, médias e grossas	Vasos de flange mesial, formas diretas, restritivas e irrestritivas; espessuras médias, finas e grossas
Tratamentos de superfície	Engobo marrom, engobo laranja, enegrecimento	Engobo branco, escovado, banho ocre	Engobo vermelho, banho marrom, engobo branco, banho ocre e engobo cinza	Engobo branco, banho branco e vermelho	Engobo branco, engobo creme, banho marrom, banho laranja e escovado	Engobo branco, engobo cinza, banho marrom, banho laranja, engobo marrom
Técnicas decorativas	Acanalado, inciso, pintura preta e laranja	Inciso, acanalado, pintura vinho e preta	Inciso, aplique decorado, acanalado e pintura vermelha	Pinturas marrom e vinho, inciso, acanalado, esfera aplicada	Acanalado (liso e estriado), inciso, exciso, pinturas vermelha, marrom e vinho	Acanalado, estocado, inciso, pinturas vermelha, laranja e preta
Motivos	Lineares, ondulares	Lineares, circulares, ponteados e espiralares	Lineares, zoomorfos, ondulares, circulares	Lineares, circunlineos, serpenteado	Lineares, retangulares, antropomorfos serpenteados e zoomorfos	Lineares, serpenteados, serrilhados, antropomorfos, zoomorfos
Marcas de uso	Fuligem Face Externa (FE), desgaste FE, fuligem Face Interna (FI)	Fuligem FE	Fuligem FE, desgaste labial e fuligem FI	Sem marcas de uso	Fuligem FI e FE, perfuração, desgaste na quebra, desgaste FI	Fuligem FE, marca de calibrador, carbonização FI, desgaste FI, fuligem FI



## 6.1 PERÍODO INICIAL

Entre os sítios abordados, a configuração inicial da TPA foi encontrada apenas em PC, no setor Japona I, e datada de 1391 AP (figura 10). No setor Japona I do sítio Bom Jesus da Ponta da Castanha, cerâmicas Polícromas foram identificadas na base da estratigrafia do setor Japona. Essa área foi aberta devido a feições topográficas do sítio que remetiam a possíveis montículos. Esperava-se, então, identificar padrões deposicionais que remetessem ao evento de formação das estruturas, como camadas construtivas ou inversões estratigráficas. Contudo, a escavação revelou contextos ainda pouco compreendidos. As camadas mais profundas são formadas por cerâmicas em baixa densidade não associadas a solos antropizados. Essas cerâmicas estão depositadas horizontalmente na camada. As camadas superiores desse contexto estão associadas a feições de combustão e evidências de inversões estratigráficas que parecem indicar possíveis eventos de construção do montículo. Entre ambas, há uma camada de solo rosado que selou essa camada mais profunda.

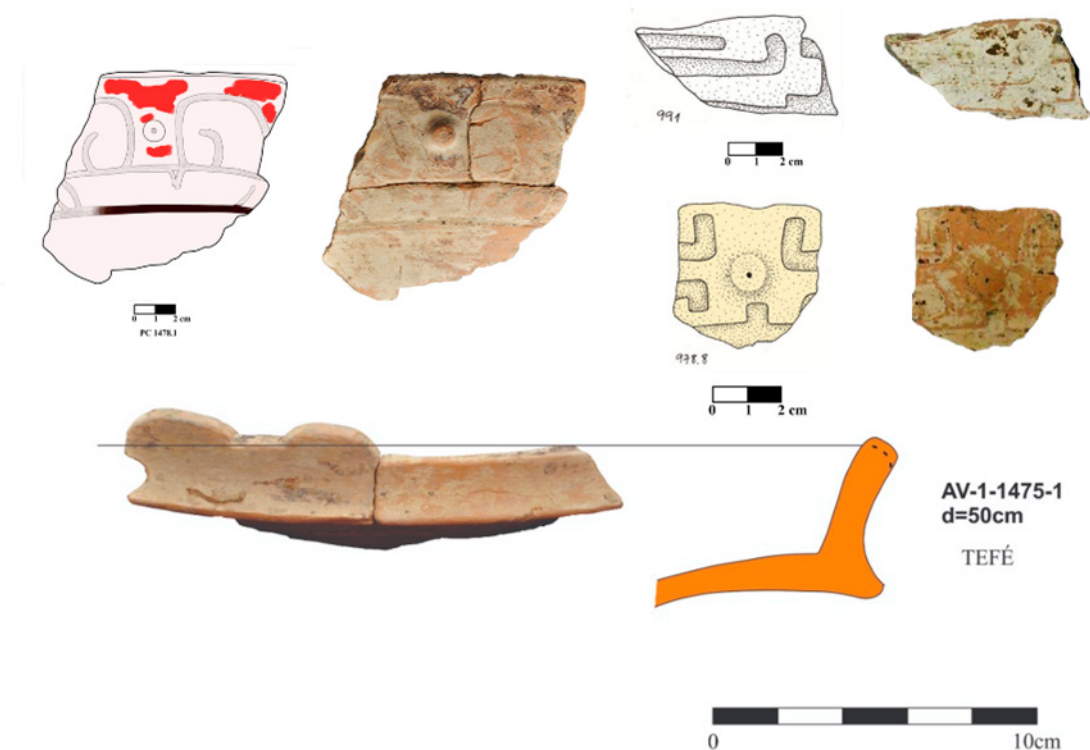
O conjunto TPA inicial em PC destaca-se devido à sua produção padronizada, possibilitando visualizar características que o diferenciam dos outros conjuntos cerâmicos da região, apesar de se tratar de um conjunto com poucos elementos. O material apresenta uma única coloração de pasta laranja, seu antiplástico principal é cauxi, com diferentes adições de quartzo, hematita e argila moída. As queimas demonstram uma padronização, sendo todas de núcleo oxidado. Nesse conjunto, só foi possível a

reconstituição de uma forma de vaso, com contorno complexo, uma flange próxima ao lábio, borda restritiva, reta, lábio cortado com motivo de diadema e pintura na borda, um dos elementos emblemáticos mais reconhecíveis das cerâmicas Polícromas. Todo o material possui engobo branco de aspecto opaco e pulverulento e de espessura média na superfície externa, além de banho branco ou vermelho na superfície interna. A técnica decorativa mais comum é a pintura marrom e vinho sobre engobo branco. Apenas dois fragmentos contêm decoração plástica, sendo um inciso e outro acanalado com esfera aplicada. As decorações englobam motivos lineares, serpenteados e circulares.

A análise cerâmica demonstrou que as configurações iniciais são formadas por cerâmicas semelhantes àquelas identificadas por Belletti (2015), no contexto do sítio Conjunto Vilas, e associadas aos primeiros momentos da produção cerâmica Polícroma. Nesse sítio, Belletti (2015) identificou fragmentos cerâmicos com características emblemáticas Tefé em um bolsão, no qual também foram notadas cerâmicas Pocó e Caiambé. Assim como no sítio Ponta da Castanha, essa cerâmica, no Conjunto Vilas, apresentou características distintas desses outros conjuntos. Foram elas: pastas alaranjadas ou rosadas, com cauxi e núcleos oxidados, destacando-se o acanalado, o exciso e a pintura vermelha e preta sobre engobo branco espesso. Um exciso globular com um furo no centro também foi identificado. Os materiais foram datados de 1470 e 1476 AP.

**Figura 10 – Configuração inicial da TPA no setor Japona II da PC (à esquerda) e no sítio Conjunto Vilas (à direita). Elaboração: Rafael de Almeida Lopes, Erêndira Oliveira, Jaqueline Belletti, Márjorie Lima e Luíza Vieira.**

### Tefé Inicial (c. 1500-1350 AP)



#### 6.2 PERÍODO INTERMEDIÁRIO

O segundo conjunto cerâmico foi observado nos três sítios analisados, com datas entre c. 950 e 650 AP. Estratigraficamente, ele foi encontrado na camada mais profunda de SJ, em TPI; na camada superficial, na área Japona II, de PC, em terra marrom; e no setor Sul do Tauary, em terra preta. Esse conjunto foi identificado, em SJ e PC, junto a cerâmicas Caiambé e de hibridizações com esta. Em SJ, há predominância componencial Tefé e, em PC, essa pre-

dominância é da cerâmica Caiambé. Por essa fluidez contextual, apenas os materiais com elementos embleáticos Polícromos foram incluídos na amostra.

As cerâmicas Polícromas, nessa configuração, mantiveram predominância de estruturação roletada pontualmente, associada à produção de placas para a confecção de bases e de modelagem para a produção de flanges mesiais. As espessuras eram finas (0,4-0,9cm) ou médias (0,9-1,4cm). Em relação à queima, os núcleos de SJ apresentaram, em sua

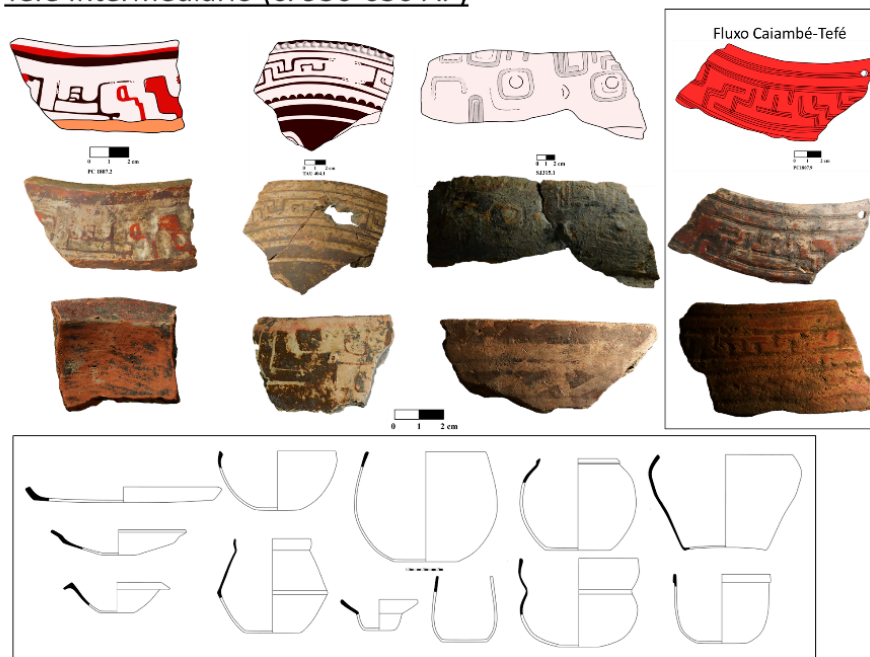
maioria, coloração escura (indicadora de queima re-  
dutora), enquanto, em PC e Tauary, foram predomi-  
nantemente de coloração clara (indicadora de quei-  
ma oxidante). As formas foram majoritariamente  
simples e irrestritas com bordas diretas, ocorrendo  
frequentemente vasos globulares, vasos com flange  
labial, entre outros (figura 11). Nos tratamentos de  
superfície, por sua vez, há uma predileção pelo en-  
gobo branco ou creme externo e o banho laranja ou  
marrom interno. A produção das camadas de engo-  
bo variou entre camadas brilhosas e compactas de  
espessura fina e camadas opacas e pulverulentas de  
espessura média. Entre as intervenções plásticas,  
predominou o acanalado, especialmente na face ex-

terna e nos lábios/flanges. Já para a pintura, a cor  
mais observada foi a vermelha, seguida do marrom,  
do vinho, do laranja e do amarelo. Essas técnicas  
foram utilizadas para produzir grande diversidade  
de motivos lineares, geométricos, predominando  
retângulos sem base, e figurativos, entre os quais  
figuram corpos compósitos com características es-  
pecialmente antropomorfas e serpentilíneas. Entre  
as marcas de uso, observaram-se, em alguns frag-  
mentos, fuligens externas e internas, essas acom-  
panhadas com películas carbonizadas de alimentos,  
assim como desgastes internos e externos, furos e  
marcas de reciclagem, indicada por desgastes circu-  
lares nas quebras.

**Figura 11 – Configuração intermediária da TPA nos sítios estudados.**

**Elaboração: Rafael de Almeida Lopes e Erêndira Oliveira.**

**Tefé Intermediário (c. 950-650 AP)**



O material desse conjunto, em SJ, teve como composição de pasta mais frequente a utilização de caraipé com carvão (provavelmente, resíduo do próprio caraipé) ou hematita, com queima redutora, produzindo pastas amarronzadas ou alaranjadas, para produzir especialmente tigelas e vasos de flange mesial de volumes variáveis; entretanto, outra composição também foi corrente, centrada no uso do cauxi e da hematita, na queima oxidante ou redutora, formando uma pasta de cor alaranjada. Em PC, uma composição similar foi utilizada para a produção de 13 formas distintas, sempre acabadas com engobo branco ou creme interno ou externo. O Tauary seguiu o padrão de SJ e PC, embora tenha ocorrido maior diversidade na produção de pastas. Nos três sítios, as pastas alaranjadas com cauxi e hematita e com espessuras finas estavam associadas a materiais altamente decorados e, em SJ, associados a bolsões.

Em relação às produções cerâmicas interpretadas como contemporâneas, observou-se que a presença de cerâmicas Caiambé (figura 12), em SJ, referem-se especialmente a vasilhas de pequenos volumes e formas restritivas ou diretas, compatíveis com vasilhas de consumo e armazenamento de líquidos e/ou sólidos. Já entre os materiais considerados híbridos, ou seja, que compartilharam características emblemáticas de ambas as produções cerâmicas, as escolhas buscaram a combinação de motivos das duas produções ou a confecção de motivos de uma com técnicas características de outra em vasilhas diversas, caso similar de PC. O material Caiambé, na

área Japona, de PC, entretanto, apresentou grande diversidade, o que fortalece a hipótese de tratar-se de um sítio habitacional Caiambé com presença Polícroma pontual. É nesse período que possivelmente inicia-se o uso cemiterial do sítio Tauary, que, curiosamente, não possui sinais de cerâmica Caiambé no momento em que PC seria ocupado por comunidades produtoras dessa cerâmica, mesmo estando relativamente próximo do sítio. Isso sugere o contexto de enterramento das urnas como apartado da convivência entre comunidades distintas.

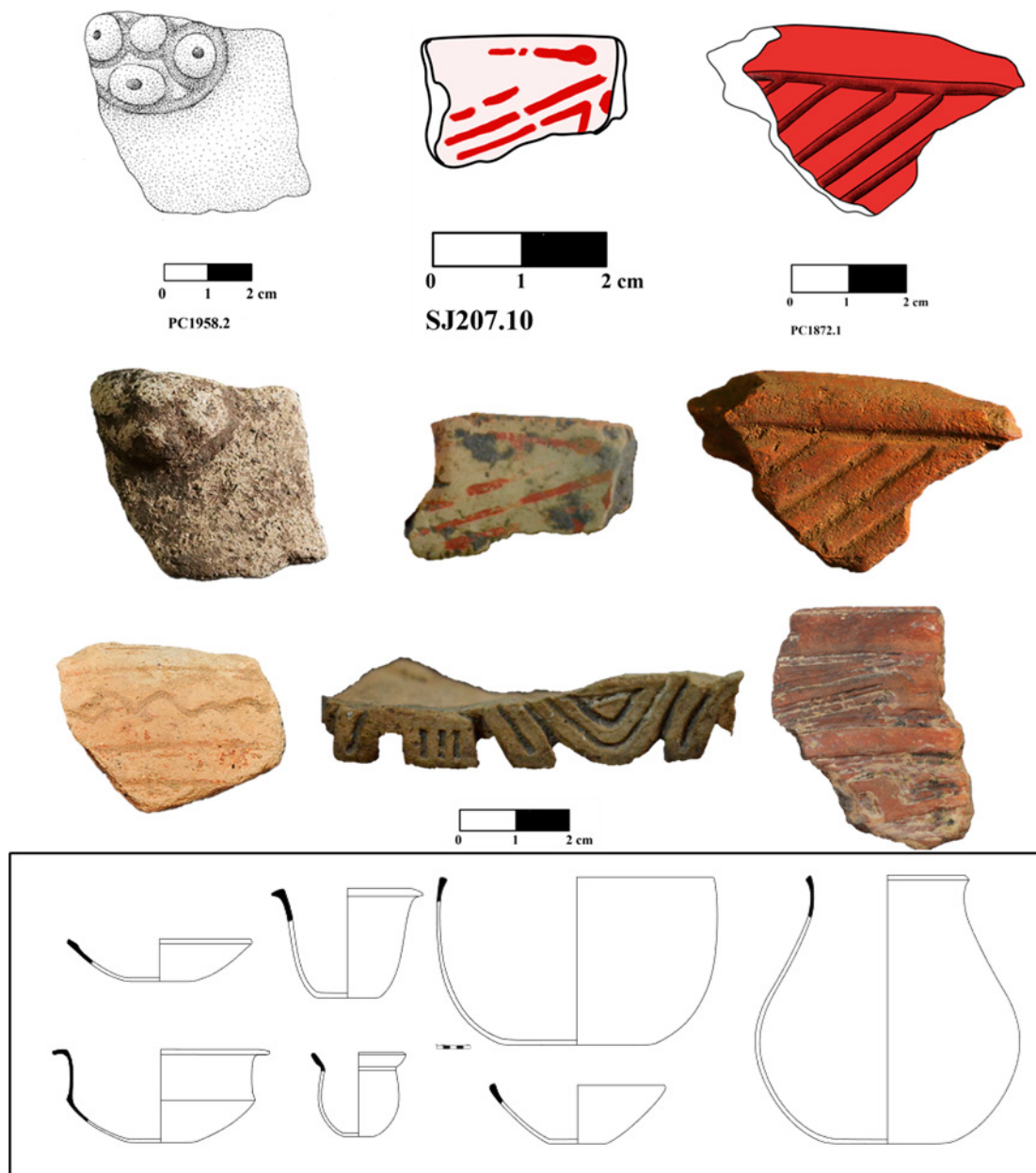
Os contextos desses sítios reforçam e ampliam o quadro regional de convivência entre produtores de cerâmicas Caiambé e Tefé. A configuração, em SJ, é similar às camadas intermediárias do sítio Caiambé estudado por Hilbert (1968) e parece ser o inverso do sítio Conjunto Vilas (Belletti 2015), sítio contemporâneo na foz do lago Tefé onde cerâmicas Polícromas apareceram minoritariamente. Por fim, essa configuração dos lagos Caiambé e Tefé se assemelha também à do lago Amanã, em que sítios Caiambé, datados entre os séculos VIII e XIII EC, congregam cerâmicas Polícromas em camadas de ocupação e deposições (Furquim 2015, Gomes 2015).

### 6.3 PERÍODO TARDIO

A última configuração da produção cerâmica Tefé foi identificada também nos três sítios entre c. 650 e 380 AP. Na estratigrafia, ele representou a camada superficial de SJ, o setor BJPC de PC e o setor Norte e dois dos três contextos de enterramento de Tauary. O conjunto destaca-se especialmente

Figura 12 – Material Caiambé em SJ e PC. Elaboração: Rafael de Almeida Lopes e Erêndira Oliveira.

## Caiambé (c.1500-650 AP)



pelo fim da convivência entre a produção cerâmica Caiambé com a cerâmica Tefé e dos sinais de hibridização entre cerâmicas, sendo encontrada apenas essa última. Além disso, está associado à expansão da área de TPI, que se torna mais escura, e à intensificação da produção lítica, com a aparição frequente de calibradores cerâmicos. Em SJ, conecta-se à expansão do sítio; já nos sítios do lago Tefé, aparece em ocupações de baixa densidade.

O roletado continuou como técnica prevalente de estruturação. As espessuras foram predominantemente médias ou finas, ocorrendo também grossas, que chegaram a atingir 3 cm em casos de assadores. O acinzentado passou a predominar na coloração das vasilhas. Os núcleos das pastas foram majoritariamente escuros. Nos sítios, as vasilhas, nessa configuração, apresentaram menor diversidade morfológica, com maioria de vasilhas diretas, seguidas das formas restritivas e irrestritas (figura 12). Vasos de flange mesial e assadores têm ocorrência significativa. As escolhas em relação ao tratamento de superfície voltaram a privilegiar o engobo branco, ocorrendo também o engobo cinza, o engobo e o banho marrom ou laranja. Entre as decorações, houve menor diversidade em relação à configuração anterior e maior aderência aos elementos emblemáticos da TPA. O acanalado manteve-se como técnica plástica mais comum, seguido do estocado e da incisão. As pinturas foram realizadas majoritariamente na cor vermelha, mas também ocorreram na cor laranja, preto e marrom. Os motivos mais comuns foram os lineares, geométricos e, por vezes, temas

apresentando corpos compósitos, com referência a antropomorfos e zoomorfos, sobretudo serpentes, anfíbios e aves. As marcas de uso, nessa configuração, aumentam consideravelmente, sendo muito frequentes fragmentos com fuligem externa, acompanhada às vezes por películas de alimento internas, assim como fragmentos reciclados e transformados em calibradores.

Para essa configuração, as composições mais frequentes em PC e Tauary se voltaram à utilização de caraipé em grandes dimensões e com distintos graus de queima, para a produção de pastas cinzas com núcleos reduzidos para confeccionar formas de cocção, armazenamento e consumo de alimentos. Entre estas, destacam-se os vasos de flange mesial, vasos com espessuras grossas e presença de fuligem (panelas) e assadores. Em SJ, as composições mais comuns, nesse período, foram com cauixi adicionado de carvão ou hematita em pastas alaranjadas. Estas, entretanto, foram predominantes nas deposições alcunhadas de bolsões cerimoniais/festivos, enquanto, fora delas, predominaram composições utilizando o caraipé, também utilizadas para a produção das urnas de Tauary em toda a sua cronologia. Somando essas dinâmicas ao contexto das configurações anteriores, poderíamos sugerir que as diferenças entre composições de pastas indicam as performances buscadas nelas. No caso das cerâmicas com caraipé, com reconhecida capacidade de condução térmica, sua performance estaria voltada especialmente à produção de alimentos, enquanto as cerâmicas com cauixi se voltariam a performan-

Figura 13 – Configuração tardia da TPA nos sítios estudados. Elaboração: Rafael de Almeida Lopes e Erêndira Oliveira.

### Tefé Tardio (c.650-380 AP)



ces visuais Polícromas em parafernálias de serviço e consumo. Por outro lado, poderiam indicar acesso diferenciado a matérias-primas, influenciado por questões como sazonalidade (Hepp 2021), ou, como coloca Machado (2005) para a cerâmica Guarita,

poderia diferenciar uma produção especializada (com caraipé) de uma produção não especializada (com cauxi). Essa hipótese pode ser ainda somada à primeira, reforçando a possibilidade de que a parafernália padronizada seria voltada à produção ali-

mentícia, enquanto as cerâmicas com performances visuais seriam não padronizadas, com exceção das urnas funerárias antropomorfas. Apesar de certa padronização morfológica e de técnicas decorativas, a configuração tardia ainda apresentou grande diversidade nos acabamentos, estes restritos ao repertório iconográfico da TPA.

A configuração Tefé encontrada nos três sítios relaciona-se aos contextos Polícromos tardios do lago Amanã, nos quais, segundo Gomes e Neves (2016), as ocupações teriam baixa densidade cerâmica. Relacionam-se também aos contextos Tefé identificados por Hilbert (1968) no sítio Caiambé e em outros, no final da sequência de ocupações da região. Por fim, a cronologia destes contextos remonta ao século XVI, o que os aproxima das descrições dos primeiros cronistas europeus que atravessam o Médio Solimões (cf. Lopes 2021, Lopes et al. 2024).

## 7. DISCUSSÃO

A presença de dois contextos com cerâmicas Polícromas no lago Tefé, datadas ao redor de 1400 AP, atesta a antiguidade dessa produção na região, com as datas mais antigas conhecidas para a TPA até o momento. Ambos foram identificados com características Polícromas definidas e diferenciadas tecnológica e estilisticamente das cerâmicas Pocó e Caiambé. No entanto, os dois foram observados em ocupações Caiambé. Esta transformação, situada em meio à continuidade, parece indicar uma convivência antiga e persistente entre produções e comunidades produtoras, que se desenvolve in-

terligada durante séculos. Os dados apontam que a região poderia ser o ponto de origem do estilo Polícromo, mas ainda é preciso entender a relação da origem deste estilo com a emergência das ocupações Polícromas, como pacote arqueológico definido. A tensão entre identidade e alteridade poderia, nesse sentido, configurar-se como o centro do processo de “estilogênese”, possivelmente seguindo o caminho levantado por Almeida (2013) – inicialmente para as cachoeiras do Alto Madeira, mas aplicável aos lagos do Médio Solimões. Segundo este autor, a participação em sistemas regionais multiétnicos orquestrados por produtores de cerâmicas Pocó levaria à gestação da TPA, que então se dispersaria pela Amazônia Central e Ocidental entre trocas, guerras e festas (Almeida 2013).

A convivência identificada em três lagos da região, entre os séculos VI e XIII EC, mostra produções que se misturam, transformam-se, mas não se unem, mantendo suas diferenças, intercalando-as na tensão entre identidade e alteridade. Seguindo Belletti (2015) e Gomes e Neves (2016), reforçamos que essa tensão identificada na produção cerâmica e lítica seria uma expressão de dinâmicas sociais, políticas e culturais entre comunidades distintas, que envolveriam trocas, casamentos entre grupos e realização de cerimônias e festas conjuntamente. A presença destas últimas foi indicada pela existência de bolsões cerimoniais/festivos no lago Amanã (Furquim 2014) e em SJ. Presentes nessas feições de SJ, cerâmicas feitas com composições que privilegiam o caixi também compõem acervos mais



bem decorados de PC e Tauary, podendo tratar-se de cerâmicas voltadas a performances visuais Polícromas dentro de contextos festivos que enredavam comunidades do Médio Solimões. Os contextos lítico e arqueobotânico dos sítios da região indicam similaridades também, seja na produção lítica em SJ, Japona II e Conjunto Vilas, seja na presença de vestígios de plantas, como o milho (*Zea Mays*), em SJ, Tauary e Conjunto Vilas.

Por outro lado, há sinais que reforçam diferenças entre comunidades, como a distinção entre contextos funerários com cerâmicas Caiambé, identificados no lago Amanã, e contextos funerários Tefé, associados a urnas funerárias antropomorfas, identificadas no Tauary. Considerando a relação intrínseca entre estes contextos e aspectos cosmológicos e cosmopolíticos, a distinção pode expressar visões de mundo e identidades divergentes. Nesse sentido, é importante notar o papel cosmopolítico operado pelas ceramistas, não apenas na relação entre comunidades, manejando elementos cerâmicos emblemáticos seculares e tensionando identidade e alteridade, performances visuais e produtivas, mas também no trato com outros mundos, na criação de corpos cerâmicos para os mortos. Segundo trabalhos anteriores, os contextos Caiambé dos lagos estariam associados a sistemas regionais multiétnicos (Belletti 2015) regidos por grupos falantes de línguas Arawak (Gomes 2015, Lopes 2018), que teriam comunidades produtoras de cerâmicas Tefé como participantes, essas de mais difícil circunscrição linguística (Lopes, no prelo).

Ao período secular de convivência, segue-se outro no qual a cerâmica Tefé foi observada sozinha. Se, na análise de SJ, tanto continuidades quanto descontinuidades foram percebidas (Lopes 2018), os estudos realizados em PC e Tauary sublinharam as continuidades históricas no Médio Solimões. Particularmente, a continuidade do uso de Tauary por cerca de 500 anos como espaço cemiterial de urnas antropomorfas Polícromas, feitas com composições com caraipé, decoradas a partir de uma mesma lógica iconográfica e enterradas com gestos similares, enfatizou a conexão entre comunidades produtoras de TPA nos períodos intermediário e tardio. Oliveira (2022) define a iconografia das urnas Tauary como uma arte de produzir imagens e sujeitos e de transformar corpos e pessoas, em que a combinação entre os grafismos e os índices antropomorfos, como o banco, os adornos e a pintura corporal, agiria como subjetivador das urnas, criando assim um corpo para os entes enterrados nelas.

Os elementos reconhecíveis a nossos repertórios imagéticos, como as serpentes e os pássaros, entre eles, o urubu-rei e a coruja, são importantes em diferentes narrativas indígenas sobre a origem do mundo, das pessoas humanas e não humanas, das artes e do trânsito entre diferentes realidades. Em relação ao sítio, os elementos apresentados para o sítio Tauary podem ser interpretados como escolhas sociais para o estabelecimento de uma separação dos espaços destinados aos mortos e do espaço dos vivos, assim como foi observada a estruturação de um espaço cemiterial, usado por centenas de anos.

A integração entre estes elementos foi interpretada como uma estratégia de fabricação de novos corpos, em que os modelos ontológicos e os universos simbólicos particulares são reproduzidos e renovados em cerimônias funerárias. Dessa forma, sua iconografia indica a diferenciação e reiteração de cosmologias e ontologias particulares que podem representar um momento político de reorganização social em torno de novas concepções que se tornariam hegemônicas.

A princípio, a trajetória segue, em linhas gerais, a transição levantada por Hilbert (1968) de um momento Caiambé-Tefé para outro apenas Tefé, mas os contextos arqueológicos estudados permitem inferir conteúdos sociais, políticos e culturais a este processo em escala regional e inter-regional. Considerando o quadro geral da Expansão Polícroma e seu período mais extenso e intenso de dispersão de sítios, que ocorreria entre os séculos XI e XIV EC (Lopes et al. 2024), a intensificação da dispersão de ocupações Polícromas, que, entre seus feitos, traz a derrubada de entidades políticas densas e centralizadas nas confluências do Negro-Solimões e do Madeira-Amazonas (Moraes & Neves 2012), e a consequente intensificação de redes de relações associadas a estas podem ser responsáveis, no Médio Solimões, pela hegemonia das ocupações com cerâmicas Polícromas a partir do século XIV.

Alguns séculos depois, o Médio Solimões ficaria marcado, nas primeiras crônicas europeias, pela sua acentuada densidade populacional, pela presença de grandes aldeias nas margens do Solimões, pelos

grandes currais de tartarugas, pelos imensos roçados policulturais (com mandioca, milho, plantas do gênero *Annonaceae*, entre outros) e, finalmente, pela sua sofisticada produção cerâmica, que rivalizava com as melhores produções europeias e circulava em redes de troca (Lopes et al. 2024). No registro arqueológico abordado, estes elementos podem ser entrevistados, já que o registro arqueobotânico dos sítios estudados sugere que as comunidades produtoras de cerâmica Polícroma, no Médio Solimões, manejavam sistemas agroflorestais, associando o cultivo de milho, mandioca e tubérculos ao uso e manejo de um diverso conjunto de árvores frutíferas. Na paisagem atual dos três sítios, ocorrem muitas espécies identificadas no registro arqueobotânico, tendo algumas delas, como castanha-da-Amazônia, patauí, bacaba, açai, cacau, cupuaçu e taperebá, elevada abundância, indicando legados milenares das ocupações Tefé e suas predecessoras nas atuais paisagens bioculturais. Em diferentes áreas do bioma amazônico, essas espécies são encontradas em agregações, como resultado das atividades humanas de manejo da paisagem no entorno de seus assentamentos, acampamentos, áreas de cultivo, trilhas e caminhos na mata (Clement et al. 2021).

A este contexto, soma-se a reiteração de práticas produtoras de Terra Preta Indígena, assim como a complexa produção lítica, com elementos locais e exógenos, além de uma parafernália ainda mais sofisticada para a produção de festas e corpos cerâmicos para os mortos. Na síntese desses elementos, emerge um panorama que elenca produção

especializada de objetos, policultura agroflorestal de larga escala, enterramentos extremamente complexos e um sistema regional de trocas, guerras e alianças, mas com poucos sinais da emergência de novos processos de centralização política. O período se encerraria no século XVII, quando a disputa entre espanhóis e portugueses pelo Médio Solimões leva às migrações, à disseminação de epidemias, ao genocídio dos povos indígenas da região e, então, ao esvaziamento das margens do Médio Solimões, à exceção de um punhado de missões, povoados e acampamentos Mura (Lopes 2021).

Seguindo esse, haveria ainda um período final para a longa cronologia da TPA no Médio Solimões, adentrando e atravessando o período colonial até a aurora do século XX. A produção da cerâmica Polícroma aparece, nesse momento, como persistência presente em alguns pontos da Amazônia Ocidental, inserida entre missões e povoados amazônicos e constando em relatos e coleções. No Médio Solimões, a persistência Polícroma é relatada por Spix e Martius (2017), que coletam duas vasilhas Políchromas coloniais no povoado de Nogueira, e pelo Padre Tastevin (2008: 168), no começo do século XX, que relata, entre histórias e memórias da região, a produção da “cerâmica de Boiaçu”, com sua pintura policrômica sobre engobo branco, desenhando “o

caminho da Cobra Grande”. Nesses novos contextos, a persistência da produção da cerâmica Polícroma sugere formas de resistência e reiteração de um arcabouço ancestral de práticas, ideias e narrativas que a acompanham em um contexto sociopolítico radicalmente diferente (cf. Lopes et al. 2024).

## 8. CONCLUSÃO

O processo histórico que chamamos de Expansão Polícroma é definido pelas marcas deixadas por comunidades produtoras de uma refinadíssima e emblemática cerâmica por toda a Amazônia Central e Ocidental, que, hoje, recheiam praias, matas e subsuperfícies de muitas comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas, entre outras. A produção da Tradição Polícroma, no Médio Solimões, inicia-se ao redor do século VI e se estende possivelmente até o XX. Nessa região, vemos que esses vestígios de comunidades do passado convivem nas paisagens das comunidades do presente, expressando uma conexão profunda entre elas, que envolve também plantas, práticas e conhecimentos que persistiram por séculos através de caminhos complexos. Seu ponto de encontro, afinal, revela comunidades de tempos distintos que compartilham da especialidade na produção de sociobiodiversidade.

## 9. REFERÊNCIAS

Almeida, Fernando Ozorio de. 2013. A Tradição Polícroma No Alto Rio Madeira. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.

Almeida, Fernando Ozorio de e Moraes, Claide de Paula. 2016. A cerâmica policroma do rio Madeira, in *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Editado por Barreto, Cristiana Nunes Galvão, Lima, Helena e Bittencourt, Carla James, pp. 402-413. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

Almeida, Fernando Ozorio de e Neves, Eduardo Góes. 2014. The Polychrome Tradition at the Upper Madeira River, in *Antes de Orellana: actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*, pp. 175-182. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos.

Almeida, Fernando Ozorio de, Lopes, Rafael de Almeida e Stampanoni Bassi, Filippo. 2021. The Cosmopolitan Misfits of Mainstream Amazonia, in *One World Archaeology*, pp. 383-409. Cham, Springer Nature.

Almeida, Fernando Ozorio de, Lopes, Rafael de Almeida, Tamanaha, Eduardo e Kater, Thiago. 2018. The Occupational Dynamics of the Polychrome Tradition Producers in Amazonia. *Memoria Del 56.º Congreso Internacional de Americanistas. Arqueología*, pp. 197-208. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.

Barreto, Cristiana Nunes de Barros Galvão. 2016. O que a cerâmica Marajoara nos ensina sobre fluxo estilístico na Amazônia, in *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*, pp. 115-124. Belém: IPHAN, Ministério da Cultura.

Belletti, Jaqueline da Silva. 2015. Arqueologia do Lago Tefé e a Expansão Polícroma. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.

Belletti, Jaqueline da Silva. 2016. A Tradição Polícroma da Amazônia, in *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*, pp. 348-364. Belém: IPHAN, Ministério da Cultura.

Bowser, Brenda J. e Patton, John Q. 2008. Women's life histories and communities of practice in the Ecuadorian Amazon, in *Cultural transmission and material culture: breaking down boundaries*, pp. 105-129. Tucson: Arizona University Press.

Braudel, Fernand. 1992. *A Escrita da História*. São Paulo: Perspectiva.

Brochado, José Proenza. 1989. A Expansão dos Tupi e da Cerâmica da Tradição Policrômica Amazônica. *Dédalo*. (27): 65-82.

Clement, Charles R. 1999. 1492 and the loss of amazonian crop genetic resources: the relation between domestication and human population decline. *Economic Botany*. 53(2): 188. <https://doi.org/10.1007/BF02866498>

Clement, Charles R., Casas, Alejandro, Parra-Rondinel, Fabiola Alexandra, Levis, Carolina, Peroni, Nivaldo, Hanazaki, Natalia, Cortés-Zárraga, Laura, Rangel-Landa, Selene, Alves, Rubana Palhares, Ferreira, Maria Julia, Cassino, Mariana Franco, Coelho, Sara Deambrozi, Cruz-Soriano, Aldo, Pancorbo-Olivera, Marggiori, Blancas, José, Martínez-Ballesté, Andrea, Lemes, Gustavo, Lotero-Velásquez, Elisa, Bertin, Vinicius Mutti e Mazzochini, Guilherme Gerhardt. 2021. Disentangling domestication from food production systems in the Neotropics. *Quaternary*. 4(1): 4. <https://doi.org/10.3390/quat4010004>

Costa, Bernardo Lacale Silva da. 2012. Levantamento Arqueológico Na Reserva De Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã: Estado Do Amazonas. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.

Dias, Adriana Schmidt. 2007. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. 2(1): 59-76.

Dias, Adriana e Silva, Fabíola Andréa. 2001. Sistema tecnológico e estilo: As implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. (11): 95-108.

Evans, Clifford e Meggers, Betty. 1968. *Archaeological Investigations on the Rio Napo, Eastern Ecuador*. *Smithsonian Contributions to Anthropology*. Washington: Smithsonian Institution.

Furquim, Laura Pereira. 2015. Análise cerâmica do Sítio São Miguel do Cacau: um contexto funerário no Lago Amanã (RDSA – AM). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. 20: 251-256.

Gomes, Jaqueline. 2015. Cronologia e mudança cultural na RDS Amanã (Amazonas): um estudo sobre a Fase Caiambé da Tradição Borda Incisa. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.

Gomes, Jaqueline e Neves, Eduardo Góes. 2016. Contexto e relações cronoestilísticas das cerâmicas Caiambé no lago Amanã, médio Solimões, in *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*, pp. 321-333. Belém: IPHAN, Ministério da Cultura.

Heckenberger, Michael J. 2001. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na *longue durée*, 1000-2000 d.C., in *Os povos do Alto Xingu História e Cultura*, pp. 21-62. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Hilbert, Peter Paul. 1962. New stratigraphic evidence of culture change on the middle Amazon (Solimões). *Internationales Amerikanistenkongress*. 471-476.

Hilbert, Peter Paul. 1968. *Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazon*.

Kater, Thiago e Lopes, Rafael de Almeida. 2021. Braudel nas Terras Baixas: caminhos da Arqueologia na construção de Histórias Indígenas de longa duração. *Revista de História*. (180): 1-35.

Lathrap, Donald W. 1970. *The Upper Amazon*. London: Thames & Hudson.

Lima, Helena. 2010. A “Longue Durée” e uma antiga história antiga na Amazônia Central. *Arqueologia Amazônica*. 2: 95-117.

Lima, Helena Pinto. 2008. História das caretas: a tradição Borda Incisa na Amazônia Central. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.

Lima, Helena Pinto. 2015. Análises cerâmicas na arqueologia amazônica: contribuições da Amazônia Central a uma longa trajetória de discussões. *Revista de Arqueologia*. 28(1): 3-29.

Levis, Carolina et al. 2017. Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition. *Science*. 355(6328): 925-931. <https://doi.org/10.1126/science.aal0157>

Lopes, Rafael de Almeida. 2018. A Tradição Polícroma da Amazônia no contexto do médio rio Solimões (AM). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Arqueologia, Laranjeiras.

Lopes, Rafael de Almeida, Almeida, Fernando Ozorio, Tamanaha, Eduardo e Neves, Eduardo Góes. 2024. Entre a história antiga amazônica e seu presente etnográfico: colonialismo e persistências nas trajetórias indígenas de longa duração do médio Solimões, Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. 19(2): 1-26.

Machado, Juliana Salles. 2007. Os significados dos sistemas tecnológicos: classificando e interpretando o vestígio cerâmico. *Arqueología Suramericana*. 3(1): 63-83.

Marinho, Karen Lorena Freire. 2022. Contextos funerários da tradição policroma da Amazônia na região do Lago Tefé, Médio Solimões, Amazonas. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Arqueologia, Laranjeiras.

Meggers, Betty J. e Evans, Clifford, 1957. Archeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bureau of American Ethnology Bulletin*. 167: 1-664.

Meggers, Betty J. 1971. *Amazonia. Man and Culture in a Counterfeit paradise*. Chicago: Aldine.

Métraux, Alfred. 1930. Contribution à l'étude de l'archéologique du cours supérieur et moyen de l'Amazonie. *Revista del Museo de la Plata*. 32(1): 145-185.

Moraes, Claide de Paula e Neves, Eduardo Góes. 2012. O ano 1000: adensamento populacional, interação e conflito na Amazônia Central. *Amazônica - Revista de Antropologia*. 4(1): 122-148.

Neves, Eduardo Goés. 2022. *Sob os Tempos do Equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: Ubu Editora.

Oliveira, Erêndira. 2022. Estéticas da transformação: iconografia e estilo da cerâmica policroma da Amazônia. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.

- Pessoa, Cliverson, Kater, Thiago e Almeida, Fernando Ozorio de. 2022. De unidade policroma à fragmentação Tupi: arqueologia de longa duração e do isolamento no alto rio Madeira. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. 14(1): 61-118.
- Raymond, Scott J. 2009. Dos Fragmentos às Vasilhas: um primeiro passo para a construção de contextos culturais na arqueologia da floresta tropical. *Amazônica-Revista de Antropologia*. 1(2): 512-535.
- Saldanha, João e Cabral, Mariana. 2016. Estruturas Rituais Pré-Coloniais na Costa do Amapá. *Habitus*. 14(1): 73.
- Schaan, Denise Pahl. 2007. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. 2(1): 77-89.
- Scheel-Ybert, Rita, Klökler, Daniela, Gaspar, Maria Dulce e Figuti, Levy. 2006. Proposta de amostragem padronizada para macro-vestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. (15-16): 139-163.
- Schiffer, Michael Brian e Skibo, James M. 1997. The Explanation of Artifact Variability. *American Antiquity*. 62(1): 27-50.
- Silva, Fabíola Andréa. 2016. Tipos cerâmicos ou modos de vida? Etnologia e as tradições arqueológicas cerâmicas na Amazônia, in *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*, pp. 40-49. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura.
- Spix, Johann Baptist von e Martius, Carl Friedrich. 2017. *Viagem pelo Brasil, Volume III*. Brasília: Senado Fed.
- Tamanaha, Eduardo Kazuo. 2012. Ocupação policroma no baixo e médio Rio Solimões, estado do Amazonas. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.
- Tamanaha, Eduardo Kazuo e Neves, Eduardo Góes. 2014. 800 anos de ocupação da Tradição Policroma da Amazônia: um panorama histórico no Baixo Rio Solimões. *Anuário Antropológico*. (II): 45-67.



Tastevin, Constant. 2008. A lenda de Boiaçu, in *Tastevin e a Etnografia Indígena*, pp. 137-183. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI.

Watling, Jennifer, Zuse, Silvana, Shock, Myrtle, Mongeló, Guilherme, Bepalez, Eduardo, Santi, Juliana e Neves, Eduardo Goes. 2020. Arqueobotânica de ocupações ceramistas na Cachoeira do Teotônio. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. 15(2): 1-24.

Zedeño, María Nieves e Bowser, Brenda J. 2009. The archaeology of meaningful places, in *The Archaeology of meaningful places*, pp. 1-14. Salt Lake City: University of Utah Press.